UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

ALUGA-SE MEU APEGO
A HISTÓRIA DE VIDA DOS ANUNCIANTES DE CLASSIFICADOS

JOÃO GUILHERME DA COSTA FRANCO SILVA D´ARCADIA

Bauru
2009

JOÃO GUILHERME DA COSTA FRANCO SILVA D´ARCADIA

ALUGA-SE MEU APEGO
A HISTÓRIA DE VIDA DOS ANUNCIANTES DE CLASSIFICADOS

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado pelo aluno João Guilherme da Costa Franco Silva D´Arcadia ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, Campus Bauru, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo, de acordo com a resolução 02/84 do MEC, sob orientação do Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha.

Bauru
2009

JOÃO GUILHERME DA COSTA FRANCO SILVA D´ARCADIA

ALUGA-SE MEU APEGO: A HISTÓRIA DE VIDA DOS ANUNCIANTES DE CLASSIFICADOS

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado pelo aluno João Guilherme da Costa Franco Silva D´Arcadia ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, Campus Bauru, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha (Orientador)
Mestre pela Unesp (Bauru-SP)
Doutor pela Unesp (Bauru-SP)

Prof. Dr. Antônio Francisco Magnoni
Mestre pela USP (São Paulo-SP)
Doutor pela Unesp (Bauru-SP)

Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura
Mestre pela USP (São Paulo-SP)
Doutor pela USP (São Paulo-SP)

Bauru, 13 de novembro de 2009.

A meu pai, Paulo,
Minha mãe, Vera
Minhas irmãs, Ia e Cacá
E à dona da minha cabeça, Natália

Só o anônimo conhece a leveza das cortinas
e as agruras do esquecimento

D´ARCADIA, João Guilherme da Costa Franco Silva. **Aluga-se meu apego:** a história de vida dos anunciantes de Classificados. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2009.

RESUMO

A lógica instantânea da sociedade informacional não permite que a maioria dos meios de comunicação abra espaço para a história de vida das fontes jornalísticas, muito menos das anônimas. A instantaneidade com que os fatos têm de chegar ao receptor não é compatível com o exercício jornalístico que busca a densidade, o aprofundamento das relações sociais. "Aluga-se meu apego: a história de vida dos anunciantes de Classificados" busca apontar uma alternativa para o jornalismo oficial e superficial. Trata-se de um livro-reportagem de perfil que tenta mapear traços e mudanças da identidade dos anônimos, apontando-os como agentes sociais de suas próprias vidas e das vidas alheias. A partir dos preceitos da psicologia social e da antropologia, busca-se definir a identidade como um processo socialmente construído e sujeito a constantes mutações. Embuído dessa premissa, o Jornalismo Literário aparece como opção que permite o aprofundamento na cobertura dos fatos e a contextualização dos fenômenos decorrentes dele. O conteúdo do livro-reportagem possui dez perfis que contam fragmentos da vida, dos anseios e das angústias de anunciantes dos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru (SP) que coabitam o município com as fontes oficiais utilizadas pelos jornais mas que, porém, não têm a mesma visibilidade nem são encarados como fundamentais para nossa realidade.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; perfil; identidade; Classificados

RESUMEN

La lógica instantánea de la sociedad informativa no permite que la mayoria de los medios de comunicación deje espacio para la historia de vida de fuentes periodísticas, mucho menos de las anónimas. La instantaneidad con la que los factos deben llegar al receptor no es compatible con el ejercicio periodista que busca densidad, profundidad de las relaciones sociales. "Aluga-se meu apego: a história de vida dos anunciantes de Classificados" ("Mi cariño en alquiler: la historia de vida de anunciantes de Clasificados") apunta una búsqueda de alternativa para el periodismo oficial y superficial. Este es un libro-reportaje de perfil que intenta asignar las características y cambios de la identidad de anónimos, al apuntarlos como actores sociales de sus propias vidas y las vidas más allá. Desde los preceptos de psicología social y antropología, pretendese definir la identidad como un proceso que es socialmente construido y quedase sujeto a cambios constantes. Con esta premisa, el Periodismo Literario aparece como una opción que permite profundizar la cobertura de hechos y contextualización de fenómenos derivados de él. En el contenido del libro-reportaje hay diez perfiles que muestran fragmentos de la vida, las inquietudes y los temores de los diez anunciantes de Clasificados del Jornal da Cidade de Bauru (SP) que eximen la municipalidad con las fuentes oficiales utilizadas por los periódicos pero, sin embargo, no tienen la misma visibilidad ni son considerados fundamentales para nuestra realidad.

Palabras-clave: Periodismo literario; perfil; identidad; clasificados

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, que me deu o prazer de conviver com um poeta, um professor, um goleiro, um “amigão” e um veterinário ao mesmo tempo. Que dedicava livros para mim e que era incapaz de falar que algum deles era ruim, mesmo que não tivesse lido. Que me fez viver parte da História por dentro dela, do ponto de vista de quem fez as coisas certas;

À minha mãe, a pessoa de quem eu não preciso ouvir mais nada além de um “Fica com Deus”. Pela garra, pela paixão, pelo carinho, pelo humor, pela bondade, pela fé, pela melhor salada de tomate do mundo eu vou ser grato o suficiente para nunca conseguir me expressar a contento. A humanidade que eu busquei nesse trabalho tem em minha mãe suas raízes.

Às minhas irmãs, as eternas “meninas”. À Ia, pela amizade, por tudo que gosta e me fez gostar também, pelo “juízo hein muleque!” (ao Dalmo, Agostinho, fica a extensão dos meus agradecimentos). À Cacá, pelos abraços, pelo entendimento, pela infância e pelo coração, cuja bondade eu queria alcançar pelo menos a metade.

À minha namorada Natália, que possui milhares de atributos que merecem minha gratidão, destacados por dois essenciais para este trabalho: a crença de que as coisas dariam certo e a paciência com meu humor cada vez mais questionável. Eu amo essa loira.

Ao restante da minha família, melhor nomeada pelos dois patriarcas, cuja honestidade foi requisitada no céu. Vô Nesmy, pelas lições perduradas além-tempo, o suficiente para não ter precisado conhecê-lo para reconhecê-las. Vô Waldemar, que eu jurava que tinha uma ferramenta que iria consertar o mundo e eu acho que ele está desenvolvendo...

Aos meus amigos de Poços pela inspiração à distância e aos meus amigos de Bauru pelo companheirismo e por terem me aguentado durante esse processo que abri mão de dormir – e isso é realmente temerário. A todos fica meu agradecimento, representados pelo Tião, com quem dividi quatro anos de faculdade, seis geladeiras e muitas histórias; Nilmar, pelo humor fino presente nos momentos em que eu quase enlouquecia; Lincoln, pelos ensinamentos de caráter e de um amigo incomum; Marquinho, pelos mais fartos e inesquecíveis copos de cerveja;

A todos meus entrevistados, que se dispuseram a perder duas horas de seus dias para receber um aluno maluco que queria fazer um trabalho mais ainda;

Ao Ângelo, orientador e amigo, pelo olhar clínico, pela paciência com um orientando em desespero e pelas melhores conversas;

À Unesp, que me deu os inquestionáveis melhores anos da minha vida, principalmente pela formação extramuros e a quem pretendo retribuir tal período;

Por fim, à melhor notícia que eu recebi nesse ano. Enquanto escrevo estas linhas, penso que era para ela estar nascendo agora, em novembro. Ela resolveu se antecipar um pouquinho e fez bem. Tê-la conhecido amenizou um período muito difícil e atarefado da minha faculdade. À minha sobrinha, Manu, eu vou agradecer para sempre. Fica o desejo, misturado com certeza, de que ela tenha tanto orgulho dos pais, dos tios e dos avós quanto eu tenho dos meus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. APORTE TEÓRICO	13
1.1 Identidades maculadas pela pressa	13
1.2 A saída literária	16
1.3 A saída jornalística	17
1.4 A abordagem sistêmica	18
1.5 “Jornalismo sobre personagens”	20
1.6 Um mundo chamado Classificados	22
1.7 Procura-se um anúncio	24
2. DESENVOLVIMENTO	25
2.1 Narrativa	26
2.2 Isenção	27
2.3 Pós-produção	28
2.4 Breve descrição dos perfis	29
2.4.1 Uma alpha maravilhosa	29
2.4.2 No cinema com Maritza	29
2.4.3 Sílvio Santos não usa peruca	30
2.4.4 Coisas de uma vida normal	30
2.4.5 Os hóspedes da pensão fantasma	30
2.4.6 A semente do ipê (e outras estórias)	31
2.4.7 Memórias de uma Cortesã	31
2.4.8 Completamente, meu caro Silva	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
BIBLIOGRAFIA	36

INTRODUÇÃO

Certa vez, sentado em um ônibus viajando para Uberlândia, debulhei as páginas de um jornal de Bauru. Não que estivesse interessante, mas acontece que o insone precisa providenciar certos mecanismos que tornem a viagem menos exaustiva. Após perceber por reiteradas vezes que aquele periódico não iria me fornecer mais nenhuma notícia, resolvi folhear os Classificados.

Eis que um anúncio me chama a atenção. "Troca-se uma meia aliança por uma bicicleta". A proposta tomou o resto do trajeto, em que pensei milhares de possibilidades que poderiam ter levado o anunciante a propor uma troca tão insólita. Veio o velho clichê: "não sabe se casa ou se compra uma bicicleta". Mas mais do que isso, me tocou uma percepção para a qual eu ainda não havia me voltado nos, à época, três anos incompletos de jornalismo.

Quem está por trás dessas linhas exíguas, em que se vendem, trocam e oferecem as coisas e serviços mais inusitados? Há nesse anonimato um caminho promissor para o exercício do jornalismo?

Os Classificados passaram a ser minha obsessão. A forma como ele se constitui, essencialmente mercadológico, extirpa qualquer possibilidade de afeto. No entanto, por trás das linhas, pode estar um dono de uma história ímpar, encoberto por uma mídia que presa apenas o oficial como fonte fidedigna. Era preciso investigar a vida desses anunciantes, de seus afetos e de seus apegos. Para além do sentimentalismo, minha missão se transportou da curiosidade para o campo acadêmico, ao esmiuçar as possibilidades de valor jornalístico e de valor notícia nos anunciantes de Classificados.

O exemplar da viagem que fiz se perdeu em alguma mala, mas um semestre depois estava eu me debatendo em uma colcha de mais de sete mil anúncios por edição dominical do Jornal da Cidade, escolhido por oferecer o maior quadro de propagandas do tipo na região de Bauru.

Vasculhei fatos curiosos, tais quais o sujeito que trocava a meia aliança por uma bicicleta. Procurei ainda casos comuns, para verificar se a complexidade das ofertas era proporcional a uma história de vida mais ou menos interessante ao crivo jornalístico.

O título veio junto desse processo. "Aluga-se meu apego". Era como se todos os anônimos presentes naquele encarte clamassem por alguma visibilidade, alguma possibilidade, mesmo incipiente, de se sentirem agentes dos processos sociais e relevantes para a profissão de jornalista que, novamente, só ouve as excelências.

O “apego” são as histórias, os produtos à venda, os serviços prestados, para os quais apenas pessoas interessadas dão atenção ao deterem os olhos sobre os Classificados. Entender como os anunciantes vivem, suas angústias e seus projetos de vida, fez parte de um engrandecimento pessoal. Vivi um jornalismo de anônimos, em que todo mundo é tratado por você e a pompa parlamentar é relativizada.

O “aluguel” foi o desenrolar das biografias, permeadas por incertezas e subjetividades friamente divididas apenas com familiares e amigos. O aluguel é mais triste que a venda e muito mais triste que a compra. Quem aluga não quer ou não pode se desfazer. Apenas empresta.

Peguei emprestada parte da experiência de meus dez entrevistados para inserir o jornalismo num contexto de relações fragmentadas, sem importância para a grande mídia. Colocar essas pessoas no eixo principal de uma reportagem não foi uma possibilidade ingênua de conceder a elas “quinze minutos de fama”. Foi um trabalho real de jornalismo-de-gente, jornalismo-de-anônimo.

Se tal projeto amadurecer, há outros campos através dos quais é possível conduzí-lo. A importância do agente social pode estar escondida em um boletim de ocorrência ou em um enfadonho “Fala-Povo”, *mea culpa* que os jornais criam para mostrar que dão voz ao já rotulado “cidadão comum”.

Por não haver pretensão editorial inicial, apresento como produto o conteúdo de um livro, e não um livro pronto, com projeto gráfico e todos os estudos que a ele conduzem. Um próximo passo poderia perfeitamente ser a elaboração de um planejamento que caminhe nesse sentido.

A projeção real do anônimo se deu por meio de perfis, estilo textual incorporado ao jornalismo literário como uma biografia trabalhada artisticamente, porém sem deixar que tal recurso se sobreponha à história da pessoa. É preciso ouvir muito e falar pouco, consequentemente, dar mais voz à fonte do que aos dedos.

Ao final, fica o convite para que o leitor desbrave as entranhas dos Classificados não mais como uma seção do jornal, mas como um jornal à parte, com pessoas diferentes das que compõem as manchetes diárias. Defendo, com a humildade de um ainda quase-profissional, que o jornalismo oficial dê lugar a um espaço plural de exibição pública daquilo que todos temos a dizer.

Nas próximas páginas, teorias necessárias que alicerçaram minha defesa. Em seguida, a trajetória de dez pessoas que se dispuseram a falar comigo e a compartilhar suas vivências. Depois de quatro anos aprendendo técnicas e exercendo minha profissão

dentro e fora da faculdade, posso afirmar, sem ingratidão ou proselitismo, que o meu Projeto Experimental de Conclusão de Curso foi minha experiência mais marcante.

Através dele, eu aluguei o meu apego.

1. APORTE TEÓRICO

1.1 Identidades maculadas pela pressa

Se vivêssemos numa sociedade calcada em interesses futebolísticos, ao precisarmos responder "quem é você?", na certa diríamos "eu sou sãopaulino", ou torcedor de qualquer outro time. Uma pessoa sem time, nessa lógica, não conseguiria se atribuir uma identidade imediata e teria que recorrer a uma nova distinção de seus pares, demais seres humanos, para conseguir se definir.

Entretanto, a sociedade informacional não preza nossos times como fatores preponderantes para nortear nossas identidades. A distinção de – quem somos –, no plano do capital, se dá pelo que fazemos, pela profissão que nos é atribuída ou pelo ofício que exercemos. O desempregado, assim como o sem-time, precisa se voltar para uma nova característica para se designar, porque apenas seu nome não basta.

> Ao dar nome a alguém, ao chamar alguém de uma maneira, torno esse alguém determinado. Isso, porém, pode me fazer esquecer o momento anterior em que esse alguém se tornou presente para mim, separando-se como um objeto para minha consciência: ele nasceu, então ele é nascido. A manifestação do ser é sempre uma atividade; neste exemplo: *nascer* (só depois ele é *nascido*). (CIAMPA, 1987, p. 132)

O nome não seria, portanto, a identidade, mas apenas uma representação dela. Trata-se de uma forma de tratamento, pela qual somos reconhecidos apenas como unos, mas nunca enquanto agentes coletivos de um processo. Nosso nome é essencial para nos revelarmos, mas não nos gabarita a dizer que somos apenas isso. Eu não sou só o João. Se me apresentasse assim em uma entrevista de emprego, seguramente suscitaria dúvidas sobre o quê mais eu sou.

Não cabe aqui menosprezar o valor do nome próprio na definição de identidade, até muito pelo contrário. Faz-nos pensar que, se o nome é apenas uma representação, tida por nós como essencial, o que dizer da identidade de seres que se mostram anônimos? No caso dos Classificados, objeto de estudo deste trabalho, até a chancela mais básica é negada. Como perfilar pessoas sem nome?

Para a psicologia social, há um eixo que sustenta o estudo do Homem, formado pelo tripé consciência, atividade e identidade, todas em constantes mutações. Sim, porque a identidade não pode ser encarada de maneira estática, mas sim sujeita a uma

série de determinações, todas construídas a partir de um contexto social específico do local onde a pessoa foi criada e deu continuidade a sua vida.

Traçar o perfil identitário de uma pessoa passaria necessariamente, portanto, pelo estabelecimento das outras relações sociais criadas e vivenciadas pelo indivíduo. Mais do que isso, é preciso estabelecer a relação dialética da demarcação dos seres. Como ela está posta a outras demarcações, é inclusiva e exclusiva. Ao passo que me incluo em um grupo de pessoas com traços semelhantes aos meus, estudantes, quase-jornalistas, mineiros, me excluo dos demais grupos, graduados, farmacêuticos, paulistas. A identidade é, portanto, "uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato". (CUCHÉ, 199).

Temos, com isso, um cenário em que somos o que somos pelo que nos une e pelo que nos faz dialogar com os diferentes. Somos ainda nossas atividades, nossa função social e os papéis que desempenhamos nesse processo. Somos, por fim, determinados pelas mutações engedradas numa sociedade em constante modificação.

> O ser humano também se transforma, inevitavelmente. Alguns, à custa de muito trabalho, de muito labor, protelam certas transformações, evitam a evidência de determinadas mudanças, tentam de alguma forma continuar sendo o que chegaram a ser num momento de sua vida, sem perceber, talvez, que, está se transformando numa... réplica, numa cópia daquilo que já não estão sendo, do que foram. (CIAMPA, p. 164)

As transformações inescapáveis pelas quais passamos também determinam quem somos. O exercício de biografar uma pessoa passa pela percepção das menores mudanças a que o biografado foi submetido ou submeteu-se, a fim de seguir com o máximo de rigidez todos os estágios de sua vida.

Ganhamos então mais um eixo para a formação identitária. Além do contexto social, que atualmente apregoa a atividade econômica que exercemos, há que se considerar também as mutações vivenciadas pelos diferentes grupos sociais. Um jornalista, em tese, não poderia, portanto, abordar uma fonte sequer sem esmiuçar os arredores da vida dessa pessoa, o que a levou a dizer aquelas coisas e a serviço de que força social ela está, mesmo que subjetivamente.

A pergunta que se faz é: por que o jornalista não faz isso?

Antes de demonizar a profissão para a qual estou às beiras de entrar (mesmo que em alguns momentos seja justa certa demonização), é preciso relativizar a falta de interesse pelas identidades alheias. Trata-se de um fenômeno de qualquer profissão,

alicerçado por um novo contexto, informacional, em que a instantaneidade dos meios de comunicação e das novas tecnologias torna quase inviável análises aprofundadas sobre os sistemas em que vivemos. A relação simbiótica com os meios, como se esses constituíssem parte de nosso organismo, cria agora uma outra identidade, por vezes midiática, por vezes alijada dos meios de massa.

> Somos perfeitamente capazes de integrar dispositivos na nossa identidade, certamente no nosso corpo. Uma tal capacidade prepara o terreno para o desenvolvimento necessário de uma nova psicologia que esteja mais equipada para lidar com o mundo que temos pela frente. (KERCKHOVE, 1997, p.32)

A visão até certo ponto "integrada" de Kerckhove exemplifica a incorporação dos meios no nosso corpo como uma consequência, novamente, do contexto que está sendo estudado. Para ele, "a nossa realidade psicológica não é uma coisa natural. Depende parcialmente da forma como o nosso ambiente, incluindo as próprias extensões tecnológicas, nos afeta". (p. 33).

Se a tecnologia tem alterado nossas faculdades identitárias, como isso se reflete nas relações humanas? Ora, ela é suficientemente capaz de renegar nosso passado para um longínguo espaço "ultrapassado" (tais quais as propagandas de novos produtos tentam nos provar) e de pôr num plano instantâneo nosso futuro ("o futuro já chegou, o celular tal cabe no seu bolso"). Se vivemos num estado de presente perpétuo, não há porque conhecermos a identidade alheia, suas transformações, seus atores. O passado não interessa e o futuro é agora, logo não precisamos mais da experiência de ninguém para atuar no grupo social a que pertencemos.

> O choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais já se esboçava no mundo moderno, o industrial. Na atualidade pós-moderna, ele ficou agudo, bandeiríssimo, porque a tecnociência invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferece nenhum valor moral além do hedonismo consumista. (SANTOS, 1986, p. 73)

A pressa dos meios de comunicação maculou nossas identidades, que agora precisam de novas possibilidades para voltarem a ser entendidas como fundamentais para o estudo do Homem e de suas transformações.

1.2 A saída literária

É redundância dizer, porém necessário reafirmar, que é por meio da linguagem que tal "pressa" se manifesta. Seja a linguagem dos computadores ou da televisão, seja a linguagem utilizada pelos outros meios de comunicação, qualquer mecanismo de coerção passa por essa forma de expressão humana.

Para Barthes (1987), toda linguagem é utilizada a serviço de um poder, que não precisa necessariamente ser do poder clássico da Tribuna, do governante. Trata-se de uma relação "fascista", representada não pelo impedimento de se expressar sobre algo, mas pela obrigatoriedade em se expressar de uma forma pré-determinada, de "andar na linha".

> O poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo. (BARTHES, 1987, p. 11)

A relação de poder pertencente à linguagem é quase inevitável. Sempre que um discurso é proferido, ele está a serviço de uma relação de troca em que quem perde fica à mercê de tal discurso. No caso do discurso tecnológico, quem perde tem sua identidade maculada, como já foi salientado. De acordo com Kerckhove, "a linguagem é o *software* que conduz a psicologia humana. Qualquer tecnologia que afete significativamente a linguagem afeta também o comportamento física, emocional e mentalmente" (p. 61).

Cumpre ressaltar que Kerckhove e Barthes não avaliam a linguagem da mesma forma. Enquanto para o primeiro ela é equiparada a um programa de computador no qual se acrescentam pacotes de expansão, como o alfabeto, para o segundo ela é a mais eficiente válvula de coerção social. Para ambos, entretanto, a linguagem é a síntese das relações humanas e da forma como elas interagem. No sentido em que se está tentando provar, essa interação é representada por uma negação do passado e das experiências que mudaram as identidades dos anônimos.

A saída viável para desviar-se das relações de poder e propor uma nova forma de linguagem reside nela própria: a literatura. É por meio da literatura que se pode estabelecer metáforas e jogos de palavra que conduzem a linguagem a um caminho que,

ficcional ou não, morre quando o discurso acaba. Mesmo quando as grandes obras clássicas repercutiram após suas publicações, o fizeram pelo que elas são, reverberando mundialmente pela qualidade literária, não necessariamente por alguma relação de poder envolvida.

A escolha pelo caminho literário se dá no processo de descrição da identidade do anônimo para se assegurar de que não há o autoritarismo presente nas outras manifestações da linguagem. "Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*". (BARTHES, p.16)

1.3 A saída jornalística

A opção pela literatura, caracterizada aqui como construção textual livre de linguagem própria, não exclui e nem contradiz o objetivo do trabalho: a graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Pelo contrário, tal opção revela que a forma convencional de reportagem, abordada didaticamente na Academia, não precisa ser unânime em alguns tipos de cobertura, tampouco precisa servir a serviço de algum poder.

As técnicas jornalísticas de produção, apuração, entrevista, edição e feitura da reportagem permanecem incólumes. O que muda é o tratamento do texto, que continua, evidentemente, o mais próximo possível da fidedignidade e da veracidade dos fatos observados pelo entrevistador e relatados pelo entrevistado. Alcançá-las totalmente, na certa, é tarefa impossível.

> Não pode haver neutralidade, imparcialidade, verdade absoluta, quando os mecanismos de captação do real são condicionados por uma série de fatores pessoais – do repórter, sua formação, sua cosmovisão – e conjunturais – da empresa jornalística, seu escopo ideológico, seus comprometimentos nos planos econômico, político, social -, que limitam a compressão do mundo. (LIMA, 1995, p. 80)

Novamente, as relações de poder. Se essas estão inevitavelmente presentes, que se busque na saída pela literatura caminhos jornalísticos para traduzir ao máximo o fato. Fato dos anônimos, obscurecido pelas coberturas oficiais dos grandes meios, que não raramente marginalizam a voz popular.

A escolha das fontes é notadamente o maior entrave na cobertura jornalística para a percepção do que os anônimos têm a dizer. Jornalistas já provaram, entretanto, que não é impossível propor uma voz não-oficial para a apresentação dos fatos e até mais do que isso, tornar o anonimato uma notícia, um acontecimento, em pé de igualdade com a cotação do dólar ou as eleições do Congresso Nacional (não em termos de abrangência global, evidentemente, mas de relevância, de pertinência).

1.4 A abordagem sistêmica

À aliança entre jornalismo e literatura deu-se o nome Jornalismo Literário, que não é unânime. Muitas vezes as discussões em torno do tema mencionam termos como "jornalismo de aprofundamento", "romance de não-ficção" ou "romance jornalístico".

O pilar teórico essencial para o Jornalismo Literário é a Teoria Geral dos Sistemas, elaborada por Bertalanffy (1977). Trata-se de uma formulação sobre como analisar um fato a partir do entendimento das realidades circundantes, e não apenas de um recorte histórico sem passado e sem projeção. Para tal, se vale de uma trinca de processos, batizados de contexto, dinâmica e funções, respectivamente:

- A contextualização do fenômeno, sem a qual fica inviável a avaliação da realidade;

- O mapeamento do fenômeno no tempo, a fim de aferir possíveis projeções numa escala evolutiva;

- A identificação da função do sistema nos demais sistemas que o cercam;

É por isso que o Jornalismo Literário (JL) pode ser encarado como um subsistema do sistema maior, o Jornalismo. Seu exercício parte do princípio de que é necessária a descrição da conjuntura estabelecida no fato e pela fonte, o que, para Cuché, é essencial para se definir a identidade de um grupo.

Uma das manifestações de JL se dá pelo livro-reportagem, mas não só por ele, como também pelas grandes reportagens e de alguns tipos de documentário audiovisual. "O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos" (LIMA, p.29). À definição de Lima cabe a ressalva de que, não fosse escrita há quase quinze anos, teria aceitado incluir a comunicação não-impressa, como os *e-books* editados apenas para a internet.

No entanto, a definição é suficiente e vai além. Assume que o aprofundamento, o "grau de amplitude", deve ser proporcional à ênfase que se dá ao assunto e ao espaço que ele vai ocupar. Uma grande reportagem não se chama "grande" à toa e nem se refere apenas à sua magnitude, mas à sua extensão, motivo pelo qual raramente periódicos com alta frequência de publicação a produzem e publicam.

No Brasil, a Revista Realidade foi um dos grandes exemplos de publicações que abriram espaço ao Jornalismo Literário. Atualmente, podemos mencionar as mensais Caros Amigos, Piauí, Brasileiros e *Rolling Stone* como mantenedoras do gênero. O livro-reportagem, todavia, apresenta outras peculiaridades:

> Apesar de se caracterizar pela *universalidade* – a temática é tão variada nos jornais e nas revistas – e pela *difusão coletiva* – pois também circula publicamente para uma audiência heterogênea, dispersa geograficamente – o livro-reportagem não apresenta *periodicidade*, tem quase sempre caráter monográfico, bem como seu conceito de *atualidade* deve ser compreendido sob uma ótica de maior elasticidade do que se aplica às publicações periódicas. (LIMA, p. 31)

O livro-reportagem foi a prática do JL mais exercitada durante o *New Jornalism*, movimento que a partir da década 60 passou a repensar a prática jornalística nos Estados Unidos. A aliança de traços literários ao fazer jornalístico já almejava abordagem sistêmica dos fatos, em contraponto à cobertura tradicional, que praticamente ignorava a efervescência do movimento *hippie*, por exemplo. Talese (2004) refuta a pecha ficcional muitas vezes atribuída aos escritores desse subsistema.

> Embora muitas vezes seja lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedígno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem (...). (TALESE, 2004, p. 9)

Na tríade contexto/dinâmica/funções estabelecida pela Teoria Geral dos Sistemas, como o livro-reportagem se adequaria? Para Lima (1995), o essencial do contexto está no real e no factual, peças chave de qualquer exercício jornalístico. A dinâmica se daria a partir de uma linguagem própria, eminentemente literária e que não precisa necessariamente abrir mão dos mesmos recursos para o projeto gráfico, exigindo o mesmo rigor com as ilustrações e fotografias, por exemplo. Por fim, a função é o que

mais se afasta do jornalismo diário, que se por um lado privilegia o informar e o orientar, o faz de maneira muitas vezes burocrática e sem uma fundamentação que vá para além dos fatos, não proporcionando, pois, a reflexão por parte do leitor.

Lima propõe ainda um subsistema do subsistema, a fim de categorizar os vários tipos de livro-reportagem que podem ser produzidos (levando-se em consideração que esses modelos não são estáticos, podendo ser fundidos por certas vezes a outros). Dentre as doze tipificações, encontramos: Depoimento (procura reconstituir um fato relevante a partir do ponto de vista de um ou mais testemunhas); Retrato (Focaliza uma região geográfica e seus aspectos sociais); Ciência (exerce papel de divulgação científica a partir, por exemplo, de uma expedição); Ambiente (apresenta enfoque ecológico e militante das causas ambientais); História (conecta fatos históricos ao presente, descrevendo-os); Nova Consciência (descreve rompimentos de padrões comportamentais); Instantâneo (analisa fatos concluídos recentemente); Atualidade (aborda fatos cuja conclusão é incerta, mas sobre os quais se sabe ao menos que perdurarão por algum tempo); Antologia (reunião de várias grandes reportagens); Denúncia (propósito investigativo); Ensaio (autor está sempre presente e manifesta suas opiniões); Viagem (retrata uma expedição a um ou mais lugares específicos);

A melhor classificação em que se encaixa o projeto em questão, como se verá, é a referente ao livro-reportagem de perfil, no qual se tenta "evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse". (LIMA, p. 45)

1.5 "Jornalismo sobre personagens"

A definição de Boas (2003) explicita a que vem o Jornalismo Literário ou o livro-reportagem de perfis. Trata-se de um relato sobre os personagens do dia-a-dia, os atores sociais. No que tange à biografia, a principal diferença entre ela e o perfil é sua extensão, já que o jornalista não precisa necessariamente se debruçar sobre a vida de alguém para traçar as mudanças de identidade do perfilado em questão.

A proposta é a mesma: escapar da lógica do lide e da instantaneidade apregoados pelo sistema jornalístico diário. O termo *personagem*, atribuído às fontes, vem evidentemente da literatura, mas elucida que todos temos um papel, ou, de acordo com a Teoria Geral dos Sistemas, uma função frente aos outros sistemas em que atuamos.

Gay Talese é considerado por Boas um dos principais jornalistas literários do subsistema perfil. A compilação de perfis de sua autoria no livro "Fama e Anonimato" (Fame and obscurity, 2004) traduz, na prática, como o repórter que se propõe a contar a vida de alguém pode se portar. Sim, pode, porque o jornalista pode tanto se inserir na história e nas tramas, como ser mero observador, como Talese diz preferir.

Enquanto em seus perfis de famosos, como o clássico "Frank Sinatra está resfriado", o escritor separa os personagens, abordando-os um a um, em seus relatos sobre desconhecidos, como em "A Ponte", os perfis são agrupados e contextualizados de acordo com o sistema principal, a construção do maior vão suspenso do mundo até então, a Ponte Verrazzano-Narrows. Tal opção parece muito mais uma dificuldade em integrar personagens de realidades diferentes, como as celebridades, do que um desprestígio aos anônimos de "A Ponte".

Interessante reparar a destreza e ao mesmo tempo a sensibilidade com que aborda rotinas simples dos operários que participaram da construção.

> Ele era um homenzinho magro que pesava cerca de 61 quilos e media 1,67 metro; quase não tinha cabelos no alto da cabeça, embora fios lhe descessem compridos e ralos pela nunca; tinha olhos azuis bem pequenos, emoldurados pela armação metálica dos óculos, e nariz comprido. Todo mundo se referia a ele como "Benny, o camundongo". Em sua longa carreira ele fora empurrador, chefe andarilho e superintendente. Olson compensava sua minúscula estatura censurando os homens altos, insultando-os o tempo todo de forma grosseira, exigindo-lhes perfeição e rapidez em cada trabalho de entrançamento de cabos. Por qualquer coisinha ele demitia um operário. Ele seria capaz de demitir o próprio irmão, e de fato o fez. Em 1928, numa ponte em Poughkeepsie, seu irmão Ted não respondeu a suas ordens com a velocidade que Benny Olson queria, e isso bastou. (TALESE, p. 184)

Nesse pequeno excerto de "A Ponte" é possível elencar várias características do JL que o tornam notadamente um gênero perspicaz e eficiente. Além da completa imersão do autor na temática (que sabe tudo sobre um homem aparentemente antipático), é notória a compreensão do contexto em que as identidades se configuram (um homem que "evoluiu" na carreira de operário, relegando seus colegas a uma postura subserviente) e o humor fino, típico da linguagem literária. Atribuídas ao perfil, essas características superam qualquer fala-povo dos jornais diários ou da cobertura a que estamos acostumados a ver.

No Brasil, a imprecisão em definir um marco para o gênero perfil reside em certo academicismo que isenta a literatura dita marginal dos clarões dos holofotes.

Alguns autores, entretanto, fazem justiça a Lima Barreto e seu "sucessor afetivo", João Antônio, que traduziram em períodos distintos os moradores "mulambentos" das metrópoles recém-metrópoles e recém-favelizadas. João Antônio amargava certo ódio pelo jornalismo-de-redação pois não via nele possibilidade de publicar a voz das ruas, que conseguiu eternizar em andanças que fazia pela boemia e em contos como "Abraçado ao meu rancor" e "Meninão do Caixote":

> Frio. Quando terminou a Duque de Caxias na Avenida São João. O pedaço de jornal com que Paraná fizera a palmilha não impedia a friagem do asfalto. Compreendeu que os prédios, agora, não iriam tapar o vento batendo-lhe na cara e nas pernas. Andou um pouco mais depressa. Olhava para as luzes do centro da avenida, bem em cima dos trilhos dos bondes, e pareceu-lhe que eles não iriam acabar-se mais. Gostoso olhá-las. (ANTÔNIO, 1983, p. 178)

Em revistas que abriram espaço para esse tipo de experimentação, como Realidade e Playboy da década de 80, o nome de Luiz Fernando Mercadante aparece como destaque. O jornalista ganhou notoriedade por perfis de celebridades, porém nos quais se notava aproximação nítida com o perfilado. É o caso de perfis de Oscar Niemayer e José Sarney

Hoje o subsistema é desenvolvido eventualmente em periódicos como Caros Amigos e Piauí. O livro-reportagem de biografia, como "Olga", de Fernando Morais e "Anjo Pornográfico", de Ruy Castro, ainda é mais difundido no JL brasileiro.

1.6 Um mundo chamado Classificados

A única sessão do jornal em que a Publicidade não aparece mascarada e mostra sua importância vital e às vezes vil para a manutenção de um produto é a de Classificados. Nesse caderno não há notícias nem jornalismo. Há apenas anúncios e o lucro que eles geram: além de vender o espaço, o jornal vende mais quando seus Classificados vêm encorpados. Termômetro do desemprego latente, motivo pelo qual a maior parte dos leitores se interessam pelo encarte.

Seu histórico no Brasil, contudo, é impreciso. Poucos autores se detiveram a entender quando a sessão surgiu, talvez porque durante muito tempo os pequenos anúncios de "procura-se" e "vende-se" vinham incorporados às páginas de notícias, como uma propaganda qualquer.

Os jornais operários das décadas de 10 e 20, por exemplo, não definiam em seu escopo editorial o que era notícia e o que era anúncio. Esse último, geralmente pago, divulgava eventos e manifestações dos próprios trabalhadores. Faziam ofertas de produtos, geralmente baseados na troca. O jornal da Confederação Operária Brasileira (COB), "A Voz do Trabalhador", publicava manifestos tais quais os informes de sindicato fazem hoje. O periódico carioca, que sobreviveu 1908 a 1915, não se sustentou dentre outros motivos, como a repressão estatal, por causa da falta de anúncios.

> Essa vida irregular devia-se às dificuldades que enfrentavam e que eram de dois tipos: financeiras, pois não havia quase publicidade e o público leitor era composto de trabalhadores de baixo poder aquisitivo, não sendo possível a sobrevivência com recursos do próprio jornal. O segundo tipo de dificuldade encontrada foi a perseguição por parte do Estado. (FERREIRA, 1988, p 19)

Nos jornais comerciais o anúncio sempre esteve presente. O caderno Classificados, como se conhece hoje, surgiu com a alcunha de "Caderno de Empregos", quase que simultaneamente em todos os grandes periódicos, revelando o que mais tarde seria sua vocação precípua. "O primeiro caderno de classificados criado pelos jornais foi justamente o Caderno de Empregos, que depois se tornaria, inclusive, um indicador da economia do país" (SÁ, 2002, p. 109).

As primeiras publicações destinadas apenas aos anúncios datam da década de 40. Na época, o empresário Mário Cesarino vislumbrou uma forma datilografada de divulgar as ofertas da cidade de São Paulo. A Publicidade Archote inovou por trabalhar melhor os anúncios ao invés de renegá-los aos pequenos quadradinhos que hoje conhecemos. Nos arquivos do Grupo Archote é possível ler propagandas com títulos chamativos, como: "Este anúncio é dirigido somente às pessoas que procuram emprego, mas que não deixam de dormir até o meio dia". Em 1977, a Archote já contabilizava a maior ficha de clientes do Brasil, com 10.000 anunciantes fixos.

Anos depois, em 1980, surgiu o jornal "Segundamão", que só ofertava produtos usados. A estratégia da época era dar ao ofertante a possibilidade de anunciar de graça, modelo importado da Europa. Quem pagava era o leitor, que também estava interessado em adquirir bens baratos. A Editora Haple comprou o jornal e lançou o "Primeiramão",

maior classificados do país até hoje e primeiro a utilizar a internet como veículo de publicidade barata.

1.7 Procura-se um anúncio

Os Classificados emplacaram tanto no Brasil que aos domingos fica quase impossível para anunciante encontrar o seu anúncio dentre tantas opções. O Jornal da Cidade de Bauru, por exemplo, publica em média 7.000 anúncios nas edições dominicais, sempre destacando quantos deles são destinados a empregos.

De acordo com Sá (2002), pesquisa feita utilizando os Classificados dos nove principais jornais de São Paulo aponta que, em 2001, 11% das ofertas eram de empregos. Naquele ano, as publicações juntas veicularam mais de 4 milhões de vendas, trocas, aluguéis e prestações de serviço.

> Vale ressaltar que os Cadernos de Empregos têm um dos maiores índices de consulta aos domingos, ficando na média em segundo lugar entre os mais lidos do jornal. É notório também que o crescimento da procura de jornais nas bancas aos domingos se deve exclusivamente ao grande número de ofertas de emprego disponíveis nessas edições. (SÁ, p. 110)

O espaço exíguo, normalmente pago por linhas, não permite que o anunciante diga mais do que aquilo que está sendo ofertado ou procurado. Supor se ele gostaria de dizer algo a mais não cabe às teorias que versam sobre as questões identitárias, jornalísticas nem mesmo sobre os Classificados. Entretanto, não é exagero dizer que para um jornalista em busca de fontes anônimas, nada melhor do que 7 mil pessoas diferentes toda a semana.

2. DESENVOLVIMENTO

As motivações que me levaram a fazer um livro-reportagem que conte a história de vida das pessoas que anunciam nos Classificados já ficaram claras: exercitar um jornalismo que contemple a história dos anônimos e sua participação na sociedade como agentes de um processo em contrução.

O processo teórico que alicercou tal livro também já foi explicitado: a psicologia social e a antropologia, como provas de que nossa identidade é socialmente concebida e sujeita a mutações não definitivas; a teoria do discurso de Barthes, para quem somente na literatura reside a faceta desprovida de poderes existente na linguagem; o Jornalismo Literário, subsistema do jornalismo que sistematiza as relações sociais como fundamentais para o entedimento do processo histórico; por fim, os Classificados, como sessão à parte dos jornais, porém essencial a eles e aos leitores.

Cumpre agora relatar como o processo de produção do livro se deu, quais os objetivos alcançados e as dificuldades encontradas. Tal relato passa, primeiramente, pela noção óbvia de que o Jornalismo Literário é, antes de tudo e principalmente, Jornalismo. Por isso todas as etapas de concepção da obra seguiram estágios depreendidos desse ofício.

Inicialmente, as possíveis fontes eram selecionadas nos Classificados. Não houve um critério específico para escolha dos anunciantes, tendo em vista que qualquer um pode reservar uma boa história. O que houve foram critérios para eliminação de fontes. Foram descartados anúncios pagos por imobiliárias e estacionamento de veículos, justamente porque a história do produto não coincide com a biografia do entrevistado. Também foram eliminados anúncios feitos por pessoas que não residem em Bauru, para manter o enfoque no município, e classificados de empresas que necessitavam de empregados e que solicitam o envio de currículo para a sede do Jornal da Cidade.

Foram utilizados apenas quatro edições dos Classificados, espaçados por, no mínimo, um mês e meio. Isso porque os anúncios se repetem muito em exemplares seguidos, não havendo tanta variabilidade quanto em edições esparsas.

Após a seleção das possíveis fontes, o primeiro contato era feito, sempre por telefone. A primeira abordagem, correspondente à apuração jornalística, foi o estágio mais difícil. A tarefa de explicar o intuito do trabalho para pessoas que não supunham

que algo do tipo fosse ser suscitado através do anúncio era árdua. Muitas fontes não compreendiam e descartavam a possibilidade. A maioria das pessoas que concederam entrevista só entenderam o propósito do trabalho pessoalmente.

Os encontros eram marcados em data e horário de preferência das fontes, geralmente à noite ou aos finais de semana. O local também ficava a critério dos contatados: das dez entrevistas feitas, duas foram em ambiente de trabalho, duas em local público, cinco nas próprias residências e uma no estabelecimento da entrevistada, onde também era sua casa.

Os encontros duraram em média uma hora e meia. A entrevista começava de um mesmo ponto e a partir daí se desenvolvia sem pauta fixa. A primeira pergunta era sempre: "Você é de Bauru?", por ser uma questão que exige da fonte a demarcação de um primeiro traço identitário.

A maioria dos entrevistados falou abertamente sobre suas vidas e seus trabalhos. Quando a fonte se mostrava reservada ou evitava falar de certos assuntos, perguntas que ressaltam intimidade eram feitas, como: "você é católico?", "viu o jogo ontem?". A partir daí a pessoa responderia, no mínimo, que é ateia e que não gosta de futebol, o que já são duas características de personalidade.

Todas as entrevistas foram gravadas em formado .mp3 e não passaram por nenhum processo de edição. O que houve, em alguns casos, foram pausas na gravação para que, a pedido do entrevistado, pudesse falar ao telefone ou com algum familiar sem que isso fosse registrado.

O áudio em seguida era ouvido várias vezes e, em seguida, se extraía excertos principais que conduziriam os perfis.

2.1 Narrativa

A construção do texto partia de um eixo básico, delimitado pela fonte ao longo da entrevista. Toda a narrativa foi conduzida por esse eixo condutor, seja ele a profissão do entrevistado, algum fato marcante em sua vida ou até algum cacoete.

A ordem com que os fatos de vida apareceram nos perfis não foi necessariamente cronológica. Acontecimentos biográficos e reflexões sobre as

trajetórias foram intercalados, a fim de dar mais dinamicidade ao texto e não conduzir o leitor a um fio óbvio de começo, meio e fim.

As palavras utilizadas pendem para a coloquialidade, muito embora às vezes tenha se optado por termos mais antigos, em desuso, para ressaltar proximidade com os fatos antigos, ou por gírias, para denotar aproximação com relatos contemporâneos. Não se usou travessão para demarcar falas, mas sim aspas, a fim de deixar claro que trata-se de um relato jornalístico e não apenas de uma narração.

Os sobrenomes de algumas fontes foram suprimidos com o intuito de não formalizar uma conversa que no geral foi tão despretensiosa. Dois entrevistados pediram para não ter seus nomes revelados e a ressalva foi respeitada. Uma entrevistada enviou material suplementar para auxiliar na descrição de seu trabalho mas tal aporte não foi utilizado, para que o livro ficasse resguardado de influências externas à entrevista.

Invariavelmente, os perfis mencionam a cidade de Bauru e seu entorno. Na condução da narrativa, evitou-se dar muitas explicações sobre pontos conhecidos do município. Tal opção, com efeito, diminui o caráter universal de uma obra. Entretanto, se fosse preciso explicar que "a Avenida Nações Unidas é a mais importante via da cidade", se deslocaria o foco do leitor para a localidade, que em momento algum é o protagonista das histórias. Ela é sim importantíssima, mas ficou resguardada à função de cenário geográfico e afetivo das personagens.

2.2 Isenção

Apesar de sabidamente subjetivo, o conceito de isenção deve permear o jornalista em toda sua atividade. Mesmo que impregnado de preceitos morais e ideológicos, há que resguardá-los ao máximo a fim de interferir o mínimo possível na condução e na interpretação da narrativa.

Exatamente por isso foram evitados em todos os contatos e em todos os perfis julgamentos de valor que denegrissem o entrevistado ou dessem margem para interpretações maldosas a seu respeito. Tentou-se, inclusive, contatar profissionais que exercem ofícios proibidos, como agiotagem ou grampos telefônicos. Os contatos se

recusaram a participar do livro, mas se participassem, passariam pelo mesmo crivo isento pelos quais os outros passaram.

Foram ouvidos ateus, prostituta, viúva de oficial nazista, personagens que são tipicamente alijados de isenção moral. Procurou-se, contudo, dar-lhes essa oportunidade.

Ficou a cargo desse processo não questionar a veracidade dos fatos. A verdade, nesse caso, foi a verdade do entrevistado, aquilo que ele quiser falar, e não a correspondência histórica "real". Normalmente, ao falar de si, o orador se empolga e costuma inflar uma passagem biográfica, como "quase morri várias vezes" ou "passei fome durante a infância". Nenhuma apuração, nem a mais cuidadosa, vai conseguir avaliar se esse fato é verdade ou não e mesmo que conseguisse, culminaria na humilhação da fonte, a partir daí, "mentirosa".

O objetivo do livro foi contar a vida das pessoas a partir do ponto de vista delas, da forma como elas leem suas biografias.

2.3 Pós-produção

Os perfis não tinham tamanho fixo, variando de acordo com a quantidade de histórias relatadas pelas fontes. Eles eram revisados e enviados para o orientador do produto, que fez vários apontamentos, todos oportunos, no sentido de facilitar a leitura e eliminar barreiras de interpretação.

A ordem com que as histórias aparecem no livro foi definida a partir de um critério que avaliava o "teor" do perfil. As biografias muito tensas ou tristes eram intercaladas com histórias amenas e filosóficas. Não se trata do clássico "bate e assopra", mas sim de uma premissa editorial de que, se são histórias diversas, devem aparecer de forma diversa, e não em blocos.

Como se trata de conteúdo de livro-reportagem e não do produto pronto, não foi trabalhado o planejamento gráfico editorial, com diagramação e ilustrações. A tentativa inicial foi avaliar a repercussão das entrevistas em si para depois efetuar projeções acerca do trabalho como um todo.

Todos os entrevistados leram os perfis e autorizaram sua publicação para efeito de Projeto Experimental.

2.4 Breve descrição dos perfis

A seguir, breve relato de como os perfis foram concebidos. Tais informações se tornam úteis na medida em que comprovam técnicas jornalísticas como as de produção, apuração, entrevista e edição. Além disso, elucidam em quais casos houve mais dificuldade na produção da reportagem, tendo em vista a complexidade embutida na forma de revelar traços biográficos inerente a todos os entrevistados.

Os relatos seguem a ordem em que as entrevistas foram feitas.

2.4.1 Uma alpha maravilhosa

O anúncio chama a atenção logo pelo título, "Academia Cerebral". A descrição é ainda mais chamativa, pois promete a solução de distúrbios psicológicos como a Depressão e a Síndrome do Pânico sem o uso de medicamentos, apenas como o treinamento do cérebro. A entrevistada se mostrou pronta a atender o repórter, tendo sido a que propiciou menor intervalo entre o primeiro contato via telefone e o encontro propriamente dito. A psicóloga não se mostrou reticente ao revelar estágios de sua vida, destacando inclusive datas e fatos que ajudaram a construir sua identidade. Os estágios que a entrevistada utilizou para mostrar como teve contato com os procedimentos que utiliza, o *biofeedback* e o *neurofeedback* coincidem com estágios pregressos de sua história, o que facilitou o trabalho textual. O título surgiu a partir de um desejo que a terapeuta destina a seus pacientes, que eles tenham "uma alpha maravilhosa", ou seja, uma onda cerebral responsável pela alegria e disposição aguçada.

2.4.2 No cinema com Maritza

Autora de um anúncio simples, que oferece "consultoria espiritual", Maritza foi a detentora da história de vida mais repleta de fatos inusitados e de paradoxos. Ex-mulher de dois oficiais do regime nazista, viúva por duas vezes, entrou para a Polícia

Militar em São Paulo onde foi vítima de preconceitos por ser heterossexual. Contou fatos marcantes com nível de detalhamento incomum, o que gerou certo trabalho na feitura da reportagem. Como ressaltou que quando conta sua vida se imagina num filme, o título foi nutrido por essa deixa.

2.4.3 Sílvio Santos não usa peruca

Certamente a entrevista mais despojada, devido a uma enorme contribuição da fonte. A peruqueira e protesista abordou de forma saudosa passagens de sua biografia, sempre a entrelaçando com seu ofício atual. Permitiu uma abordagem diferenciada, leve, até então não obtida com os outros perfilados. O texto tenta seguir essa linha, encabeçado pela afirmação de que o apresentador Sílvio Santos não usa peruca, comprovando possível olhar clínico da entrevistada.

2.4.4 Coisas de uma vida normal

Nada pode ser mais difícil do que uma fonte que começa a entrevista afirmando que não tem nada a dizer, que sua vida é normal. A afirmação exigiu esforço para que se extraísse o máximo de informações da lacônica dona de casa. No entanto, aos poucos, a partir do cachorro que a família perdera, foram surgindo pontos de vista interessantes sobre a existência humana e da própria entrevistada. Após constatação de que não há "vidas normais", sem grandes acontecimentos, o título soou como ironia que contradiz propositalmente o texto.

2.4.5 Os hóspedes da pensão fantasma

O trabalho curioso do entrevistado, primeiro homem a ser perfilado, permeou toda a entrevista. O desmonte de casas e venda do material utilizado, respaldados por um cuidado que o empresário faz questão de ressaltar, deram margem para que as passagens biográficas fossem inseridas no contexto de sua profissão. O texto rompe a ordem cronológica, começando o perfil pelo fim, tal qual a profissão do biografado, que "constroi casas ao contrário". O título vem de um anseio do profissional, pois não se

conforma por ter se desfeito de várias fichas de cadastro de hóspedes que encontrara em uma de suas demolições, a de uma das pensões mais antigas de Bauru.

2.4.6 A semente do ipê (e outras estórias)

De longe, o perfil mais trabalhoso. Já no encontro em que seria feita a entrevista, o perfilado se nega a conversar com o entrevistador por motivos profissionais. Após uma longa insistência, concorda em falar apenas o que quiser e não permite o uso de gravador. O entrevistado começa, a partir de então, a tecer teorias pessoais sobre as relações humanas, calcadas em conhecimentos das áreas de biologia e genética. Fala pouco sobre sua profissão, menos ainda sobre sua vida, mas consegue, no seu entender, provar que todos somos iguais, nos diferenciando apenas pelos estágios morais em que nos encontramos. O perfilado é novelista e concorda em emprestar três novelas para serem reproduzidas no texto, uma delas, "A Semente do Ipê", que dá nome ao perfil. A reportagem precisou ser feita após um longo esforço mental para lembrar parcialmente o que o homem disse. O entrevistado concordou com a produção do perfil, desde que sua história fizesse parte de um personagem fictício, condição especificada no texto. O perfil foi escolhido para encerrar o livro por fazer um convite à reflexão de nosso papel ante as outras pessoas e ao mundo contemporâneo.

2.4.7 Memórias de uma Cortesã

A entrevista foi fruto do primeiro encontro entre entrevistador e entrevistado em um local público. A garota de programa surpreendeu pela certeza em afirmar que exerce a profissão por que quer e que não deseja dela sair. Contou meandros da prostituição em Bauru e fez referência a um livro sobre sua vida que, se existisse, se chamaria "Memórias de uma Cortesã". Como nem sua mãe nem sua filha sabem que a mulher é garota de programa, detalhes muito específicos sobre sua vida foram suprimidos por iniciativa do entrevistador.

2.4.8 Completamente, meu caro Silva

O anúncio sobre uma agência de detetives chamou a atenção e Silva se tornou o entrevistado que mais tempo demorou para conceder a entrevista. Entre o primeiro contato e o encontro foram mais de quatro meses, postergados devido aos compromissos do detetive. Bem humorado, porém sucinto, o perfilado contou casos que teve que resolver e sua relação com um ofício que pode "separar lares". O título foi inspirado em uma espécie de "tique" que o profissional tem, acrescentando "completamente" no final de suas frases, tal qual Sherlock Holmes fazia ao dizer "elementar".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo eu pensava que estava tendo sorte. Uma ideia tão maluca, perfilar pessoas que anunciam nos Classificados, para a qual até eu torcia o nariz quando mentalizava sua concretização, estava dando certo. O nome, "Aluga-se meu apego", que veio antes do livro, estava se materializando em cada minuto de entrevista, em cada fala que eu ouvia.

Eu não fiz nada desse livro. Quem fez foi quem eu ouvi. Eu estava tendo tanta sorte que encontrei em Bauru, logo de cara, uma das poucas representantes de uma terapia pouco usual para doenças psicológicas. Logo em seguida entrevistei uma viúva de dois oficiais do exército alemão. E assim foi. As histórias foram desmascarando meus clichês e todo mundo, sem saber, foi me desmascarando.

Eu era um jornalista, pelo menos tentava me portar tal qual um, mas na maioria das vezes o entrevistado subvertia a ordem das coisas e eu me via na pele deles. Todos com histórias fantásticas, a história dos homens que querem construir suas vidas, as vidas que eu nunca conheceria porque certamente trocaria apenas um "bom dia" caso em algum momento cruzasse com algum deles no elevador.

Não quis tecer nenhum julgamento moral ou de valor. Tentei entrevistar agiotas e pessoas que fazem grampos telefônicos. Eles é que não quiseram me falar, mas eu ouviria. Eu não sou polícia e não estava fazendo um trabalho investigativo. Na verdade estava, mas minha intenção era entender "o que os levou a fazer aquilo" e não o "aquilo". As manchetes dos jornais só trazem o "aquilo". "Fulano fez aquilo".

Entrevistei personagens polêmicas, que exercem coisas polêmicas, e fiz com o mesmo zelo e purificação de preconceitos caso fosse entrevistar o melhor pároco do mundo. E eu não sou o melhor pároco do mundo para confessar nem redimir ninguém.

Cada anúncio que eu lia me remetia ao cara ou à mulher que queria trocar uma meia aliança por uma bicicleta. Eu ainda vou encontrá-los.

Minha intenção inicial era fazer trinta perfis. Comecei meu livro em março, daria tempo para cumprir meu intento com exatidão. Mas eu não contava com a recusa da maior parte dos proponentes, que preferia se manter no anonimato. Não contava ainda com a dificuldade de me desvencilhar de uma história para partir para outra, como se eu me apegasse, intuitivamente, ao apego dos outros.

A parte teórica foi construída a partir de um referencial que encontrei nos quatro anos da faculdade. A antropologia, a psicologia social, o jornalismo literário e a análise

do discurso. Pincelei, sim, com receio de entrar em uma seara que ainda não estou totalmente preparado para defender com rigidez.

Poderia ter trabalhado com fotografia ou com projeto gráfico. Isso certamente enriqueceria meu trabalho. Não fiz. Ative-me ao texto, que já me sugou o esforço suficiente, porém recompensador, para chegar em meus objetivos.

Fiquei obcecado. Comecei a estagiar no Comércio do Jahu e de repente me detive olhando nomes de pessoas que haviam sido exoneradas ou contratadas pela Prefeitura, no Diário Oficial. Quem seriam elas? Nos Boletins de Ocorrência da Polícia Civil, quem são os "meliantes" cujo nome se transformam espontaneamente em siglas nas páginas dos policiais?

No caminho diário para Jaú, cruzo na altura da cidade de Itapuí com uma senhorinha de pelo menos 70 anos que espera no acostamento uma carona ou um ônibus. Ela se esconde do sol e da chuva com uma sombrinha ou com um livro. Quem é ela?

Por que essas pessoas não podem ir para o jornal?

Não penso que devemos acabar com o ministro ou mandar o governador para a página de Classificados, mas acredito que é possível pesar as duas fontes, a oficial e a não-oficial. Precisamos nos habituar a conhecer a vida alheia, não como futrica, mas como a percepção de que fomos construídos juntos, precisamos nos entender juntos. Todo esse entendimento nasce no jornalismo.

Ultimamente, tem morrido pelo jornalismo.

Passados os oito meses entre minha primeira e minha última entrevista, percebi que eu não tive sorte. Todos têm o que contar e todos são fantásticos.

Há, entre os anônimos, uma história cheia de inocências que os tornam tão belos. Não quero dizer que são despretensiosos, sem ambição ou bons, mas são inocentes. Querem só uma forma de tocar a vida, de representar seus papéis, de contar para alguém, a sua maneira, suas angústias, seus apegos.

Os Classificados sangravam na minha mão, porque se ali havia sete mil anúncios, para mim havia sete mil perfis.

Eu chego lá. Hei de duvidar da qualidade do que faço eternamente, mas nunca duvidei dos meus planos e dos meus projetos.

A concretização deles fica para "umas próximas". Meu Trabalho de Conclusão de Curso é um Trabalho de Iniciação para algum outro processo. Um jornalismo de gente, sem excelências.

O Mercado pode podar meu “romantismo”? Acho que não... As pessoas que entrevistei levaram as maiores pernadas da vida e nem por isso abriram mão do que acreditam. Não somos tão pré-determinados.

Se um dia eu perder meu romantismo, sei onde encontrá-lo. E não será na manchete de um jornal.

BIBLIOGRAFIA

ANTÔNIO, João. **Dedo-duro & Meninão do Caixote.** São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Cultrix,1987

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis:** e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura: a Sedução da Palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CIAMPA. Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUCHE, Denys. **A noção de Cultura em Ciências Sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil.** São Paulo: Ática. 1988.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura:** uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Tradução de Luis Soares e Catarina Carvalho: Relógio D´Água, 1997.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo, Ática, 1986.

MERCADANTE, Luiz Fernando. **20 perfis e uma entrevista.** São Paulo: Siciliano, 1994.

SÁ, Marcos Nogueira de. Como utilizar a ferramenta Classificados de Emprego com excelência. In: **Manual de Gestão de Pessoas e Equipes**. V.2. BOGG, Gustavo. São Paulo: Editora Gente, 2002.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato.** Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Jornais:

JORNAL DA CIDADE DE BAURU. Bauru. Classificados. 23/03/2009. Periodicidade diária

JORNAL DA CIDADE DE BAURU. Bauru. Classificados. 10/05/2009. Periodicidade diária

JORNAL DA CIDADE DE BAURU. Bauru. Classificados. 20/09/2009. Periodicidade diária

ALUGA-SE

Uma alpha maravilhosa (Academia Cerebral) 7

Sílvio Santos não usa peruca (perucaria) 12

No cinema com Maritza (consulta espiritual) 18

Coisas normais da vida (cachorro desaparecido) 24

Os hóspedes da pensão fantasma (material de demolição) 28

Completamente, meu caro Silva (detetive particular) 35

Memórias de uma Cortesã (garota de programa) 41

O grande baile imaginário (radialista) 47

A semente do ipê (e outras estórias) (vídeocurrículo) 56

I

Uma alpha maravilhosa

Academia Cerebral
Treine seu cérebro,
transforme sua vida;
Solucione sua depres-
são, síndrome do pâ-
nico, déficit de aten-
ção, mau humor, e to-
dos os problemas
comport. e emocio-
nais definitivamente
s/ medicação c/ trei-
namento de altíssima
tecnologia. Tr.
30xx 7x6x/ 9x514xx9

(Jornal da Cidade – 29/03/2009)

Ela era uma pasta. "Eu não era uma boa mãe, eu não era nada, eu era uma pasta que chegava em casa todos os dias, uma pasta". A pasta da administração estafante de uma fábrica de calçados é hoje uma mulher alegre. Com "uma alpha maravilhosa", ela aplica uma técnica pouco conhecida no Brasil num imóvel de esquina na Vila Universitária de Bauru, que ostenta em seus vidros o atraente nome de "Academia Cerebral".

Para entender do que se trata a tal *alpha* na vida da psicóloga Elizabeth Freitas é preciso primeiro fazer um pequeno *flashback*. A opção pelo termo em inglês não é casual. Mais tarde, o sufixo *back* será muito importante para entender o que se passa todos os dias naquela clínica. Fica assim, então, o leitor mais familiarizado com o estrangeirismo.

Bauruense, Beth, como gosta de ser chamada, morou em Campinas 14 anos. "Em função da violência, pensei que Bauru ainda era uma cidade mais interiorana, aí eu voltei pra cá". O bairro inteiro de Beth fora assaltado em Campinas. Isso, atrelado a uma alergia de seu filho mais velho, a trouxe de volta para a cidade natal.

Formada em psicologia pela Fundação Educacional de Bauru, "no tempo em que ela era particular", Beth partiu para o ramo dos irmãos: o de calçados. "Parti pra trabalhar com acessórios de couro. Cintos, bolsas... Eu complementava a produção deles, e entrei pro ramo de calçados e montei uma empresa. O negócio se expandiu tanto que eu cheguei a ter dezesseis representantes no Brasil todo".

Pois o calo apertou. “Foram quatorze anos de trabalho, mas de trabalho muito pesado. Eu cheguei num estresse tão grande que entrei numa depressão”.

Depressão. “O meu grau de desesperança na depressão era muito grande”.

Depressão. “Eu estava traumatizando meus filhos, eu estava pensando em suicídio”.

Depressão. “Eu fiquei um ano sem dirigir, um ano com minha secretária me dando medicação”.

“Eu era uma pasta”.

Os quinhentos pares de sapato que Beth produzia por dia deram lugar a uma mulher que, desbravando várias vertentes da psicologia, quis deixar de ser uma pasta.

“Eu fiz todas as terapias mais modernas. Eu era paciente e aluna. Porque meu objetivo, na verdade, era me curar. Eu fiz regressão de memória, tudo o que você imaginar que possa ser feito. A gente começa a ir naquela ‘vai na Igreja’, ‘vai na umbanda’, e eu ia”.

Foi em Belo Horizonte que Beth encontrou o que acredita ter sido sua cura. Um companheiro de terapia a convidou para conhecer um centro de estudos referência no Brasil, onde ela finalmente conheceu a *alpha* maravilhosa.

De *back* para *back*

Encerrado o *flashback*, começa agora uma sucessão de termos estrangeiros que norteiam a terapia que Beth conheceu e aplica. O *biofeedback* é o mais importante, e inclusive foi o nome da clínica de Beth por muito tempo (seu filho mais velho sugeriu a troca de nomes, porque *biofeedback* não era atrativo – apesar do segundo nome da clínica o ser: “o controle em suas mãos”).

“O que a princípio quer dizer *biofeedback*? Uma resposta à vida”. Entretanto, Beth procurou destrinchar a etmologia do termo, para descobrir que sua tradução era mais literal ainda. Retroalimentação. E é assim mesmo que o aparelho funciona.

Trata-se de um pequeno aparelho retangular, bem semelhante a um roteador. Ao invés dos cabos em que se conectaria a internet, há espaço para a conexão de outros oito cabos, bem mais finos. Cada espaço corresponde a uma área do cérebro ou do corpo responsável por certos estímulos. As outras extremidades desses cabos são conectados à cabeça do paciente, nas mesmas regiões em que se faz o exame de eletroencéfalograma.

Aí é que entra o Elton John. Ou qualquer outro músico de uma vasta lista que Beth tem em seu computador, que também está ligado a esse emaranhado de fios.

Dependendo do estímulo enviado pelo cérebro para o programa de computador, a música para. O paciente então começa a se condicionar e a "vigiar" o cérebro, para evitar que as marcações na tela de computador extrapolem um limite, e a música pare novamente.

A princípio parece ser complicado. Mas ninguém disse que seria simples.

"Esse aparelho funciona no método de condicionamento clássico de Pavlov. Esse cientista colocou um medidor de salivação em um cão. Quando ele ia alimentar o cão ele tocava uma campainha. O cão salivava ao ver a comida. Aí ele não precisava mais ter a comida. Quando ele tocava a campainha, o cão já salivava, independentemente de ter comida ou não. Então, ele condicionou um estímulo totalmente neutro, a campainha, a um processo involuntário, a salivação".

Os estudos de Pavlov deram água na boca do psicólogo experimental Neal Miller, que era convicto de que os estímulos involuntários do corpo humano poderiam ser manipulados. Foi na década de 60. Em 69, as teorias que criticavam Miller foram pro espaço.

A missão Apolo

"Esses estudos vão pra NASA, entram lá através de Charles Garfield, que escreveu o livro 'Desempenho Máximo'. Ele explica como foi o preparo que os astronautas da NASA tiveram para ir ao espaço. Ele cita muito o uso do *biofeedback*, não só da neuro, mas também da parte muscular".

Sai o *bio,* entra o *neurofeedback.* É essa vertente que Beth pratica. Ela aplica os equipamentos a problemas mentais e comportamentais, como depressão e ansiedade, e não só a problemas motores ou musculares. Os astronautas da NASA teriam sido submetidos ao tratamento a fim de não sofrerem distúrbios comportamentais durante a missão, tampouco tivessem algum desconforto muscular em virtude das roupas e da indumentária pesadas e pequenas.

"Isso é lançado para o mundo como o processo terapêutico mais moderno". O panfleto da clínica vai além: "o *biofeedback* pode ser considerado uma das ferramentas que predominarão no século XXI".

A lista de indicações tem mais de trinta doenças que o tratamento promete curar. Vão desde bruxismo a incontinência urinária, passando por enxaqueca e mau humor.

"Como eu sei de tudo isso? Apenas pra me curar. Apenas pra me curar".

Depressão.

A pasta.

Um ano de estudos.

A clínica.

O sofá

Passado mais esse pequeno *flashback*, pode-se voltar para o sofá. Sofá mesmo, na clínica não há divã, nem uma mesa em que se prescreveria medicamentos. Aliás, também não há medicamentos. "Nem poderia, eu sou psicóloga".

Um paciente com ansiedade. O sofá.

A ansiedade é estimulada por um comando cerebral específico. Os cabos são conectados na região onde reside esse comando. O paciente está ouvindo música. Se por acaso, a região da ansiedade se manifestar, a música para. Aos poucos, segundo Beth, o paciente vai monitorando seu cérebro, a fim de não deixar a música parar. Na tela, uma sucessão de números com unidades de medida das mais variadas pipocam na frente do paciente.

Ele mesmo manda o estímulo e inibe o estímulo. Daí o *feedback*. A retroalimentação.

Outro caso. "Um paciente com ATM (doença em que há pressão excessiva da mandíbula), ele tem um desequilíbrio na mandíbula. Eu proponho a ele um outro programa, em que ele tenta reequilibrar o que está errado".

Aí na tela a imagem é outra. Trata-se de uma gangorra, sustentada por um cone, em que sempre que a região responsável pelo estímulo da ATM se manifesta, a gangorra cai. O paciente tenta então monitorar esse desequilíbrio, até que ele cesse. As sessões duram em média uma hora, "mas eu não tenho pressa, deixo meu paciente monitorar até o fim". Dependendo da gravidade do problema, o tratamento dura em média oito meses, com sessões semanais. Segundo Beth, o cérebro sai treinado, e de forma irreversível. "Muitos pacientes meus já quiseram voltar para monitorar suas ondas, eu digo que não precisa, e eles vêm mesmo assim. Chegando aqui, percebem que nada se alterou. O cérebro está mesmo treinado".

As ondas são a forma que o tratamento encontra para medir os estímulos cerebrais. Certas ondas comandam o sono, outras o estresse, outras a depressão. E uma delas comanda a distribuição de serotonina, o hormônio da felicidade.

As ondas alpha.

Um, dois, três, quatro... Um dois

"90% da população não sabe respirar. A gente respira pelo pulmão, e não pelo diafragma. Aprender a respirar é fundamental". Garantir que o paciente saia da clínica sabendo respirar é algo que Beth faz o tempo todo. Uma contagem até quatro, intercalada por outra contagem até dois, treinaria o diafragma a exercer a respiração, e não apenas os pulmões.

"Uma boa respiração pré-frontal pra você".

É assim que Beth brinca ao se despedir dos pacientes. O pré-frontal é uma região estratégica no *neurofeedback*. "Durante muito tempo eles achavam que a alma estivesse ali, porque na verdade é uma região muito mais ligada ao comportamento e à emoção. É lá que está boa parte das terminações nervosas".

Os programas de computador, os fios, a música e os estímulos visuais ensinam essa região a regular o comportamento. E reeducam a respiração.

Um, dois, três, quatro... Um dois.

Beth respirou fundo quando teve um embate com um médico psiquiatra. Ele havia atolado sua paciente com remédios, e após insistentes contatos com o doutor, ela tomou a decisão corajosa de suspender a medicação da mulher. "Ela nem conseguia fazer o tratamento porque só tremia". No consultório do médico, ouviu dele a confissão de que estava errando a mão com os remédios.

Um, dois, três, quatro... Um dois.

Cada consulta custa setenta reais, e deve ser feita toda semana. Ainda há um custo pela avaliação inicial, que vai dar o diagnóstico do paciente. A partir dele, monta-se um prontuário no qual se estabelece qual programa de computador vai ser usado, quantas sessões serão necessárias...

Os Classificados vieram porque Beth achou mais barato e eficiente do que os tradicionais cartões de visita. "Meu maior cartão de visitas são os pacientes que vieram aqui". "Isso é a minha vida". "É muito bonito ver a evolução dos pacientes". "Sou a *personal trainner* do cérebro deles".

“E você se curou?”

“Eu tenho uma alpha maravilhosa”.

Alpha. A onda da felicidade.

E a pasta entrou pro arquivo.

II

Sílvio Santos não usa peruca

Angelita Carvalho
*_Perucaria_*
Perucas, alongamen-
to, proteses mas/fem
reformas melhor $
Fone: 322x-1xx9

(Jornal da Cidade, 10/5/08)

"Eu sou a segunda Dercy Gonçalves". A baiana começa dizendo que é bobagenta. Mas não fala palavrão. Ensaia alguns, é verdade, mas não fala. Não é cabeleireira. É peruqueira e protesista. Não é a mesma coisa, é tão diferente que por alguns instantes se esquece que a matéria prima de ambas as ocupações é o cabelo. Além da diferença óbvia de que uma especialista corta enquanto a outra implanta fios, há outro trabalho, mais subjetivo. "Eu cuido da cabeça por dentro".

Raiz

"Eu sou de Buerarema, na Bahia, perto de onde o Cabral gritou 'Brasil'". E ela grita mesmo. "Não foi fácil não. Quando criança tinha aquele trabalho 'pesadão' lá, trabalhando na roça, andar a pé porque não tinha condução...". Não reclama. Apenas conta. Angelita passou a maior parte da infância na cidade vizinha, Ilhéus, onde deixou muitos amigos e familiares quando veio definitivamente para São Paulo.

"Vim para São Paulo pela primeira vez em 1952, e depois fiquei naquela de ´vai e vem, vai e vem´ até que um dia eu vim e não voltei mais".

Fazendo cursos de peruqueira, Angelita trabalhava na Liderança Capitalização, empresa do Grupo Sílvio Santos que corresponde hoje à Telesena. "Eu trabalhava no primeiro andar e ele no sétimo. Não conversávamos, mas ele era muito gentil, cumprimentava todos os funcionários. Eu era chefe de seção, que era chamado por ele de 'líder'".

Entretanto, a empresa em que o marido de Angelita trabalhava o transferiu para uma cidade do interior. "Eu pensava, 'como nasci numa cidade pequena, talvez o interior tenha mais qualidade de vida', minhas crianças estavam crescendo...". Havia duas opções: Bauru ou São José do Rio Preto. "Ou Ribeirão Preto, eu sempre

confundo". E a decisão foi tomada. Da Estação da Luz para a Rua Araújo Leite, no centro de Bauru.

Fio

Já peruqueira, Angelita antecipa um potencial em 1980 que Bauru só viria a ter décadas depois. "Eu tinha a maior pensão para estudantes da cidade". A pensão era dividida em três grandes casas e abrigava por ano cerca de 120 rapazes, que quase sempre começavam e terminavam seus cursos morando no mesmo lugar.

"Eu e meu marido éramos amigos deles, muita gente já vinha a Bauru indicada para ficar comigo". O marido, "molecão", entrava no ritmo da maior república da cidade jogando baralho e zombando dos estudantes no meio da rua. Certa vez, em uma loja, chegou a gritar para os seguranças que havia ladrões no estabelecimento. E era um grupo de estudantes. "Mas ele também pagava por isso. Quando eles andavam em bando e viam meu marido na rua, saiam correndo atrás dele gritando 'pega ladrão!'".

Hoje, formados, os ex-moradores da "Pensão da Baiana" procuram Angelita e se lembram do que aquela mãe e – como se precisasse ressaltar – cozinheira de primeira fez por eles. "Eu sou moleca, não tenho preconceito, entrava na deles, morava perto do cinema Bauru I e II e descíamos todo mundo lá e enchia quase toda a sala. Outra coisa que eu adorava era jogar truco a noite inteira, num salão enorme que tinha no fundo da casa".

A pensão fechou quando Angelita já pensava em outra ocupação, proveniente de cursos que fizera em São Paulo. A perucaria foi a primeira alternativa para uma dona de casa que, como tantas, não conseguiu alforria do lar. "Tinha as crianças, eu precisava de algo que pudesse ser feito dentro da minha casa, por isso comecei a vender joias e a costurar perucas".

O primeiro ofício, o das joias, foi exercido para uma das mulheres mais conhecidas do interior paulista na década de 80 e talvez a mais conhecida de Bauru até hoje. A cafetina Eny. "Eu a chamava de Tia Eny. Ia muito na chácara dela vender joias, e para as meninas também. Elas eram as mulheres mais elegantes da cidade, inteligentíssimas, e ainda precisavam ser galanteadas, não é que nem hoje".

Havia no mais importante bordel do interior outras profissionais, que não apenas as do sexo. Havia ainda outra ocupação, que em uma cidade não tão grande, devia ter mais funcionários do que demanda. A das especuladoras, ou das alcoviteiras, no sentido

figurado. “Eu estava na Tia Eny toda semana, e percebia que uma mulher me via lá sempre, e ela conhecia meu marido. Não deu outra. A minha sorte é que eu já tinha preparado meu marido. E ela foi lá falar que eu frequentava o bordel”. A sorte é que o baiano era um “molecão”, e levou o episódio na esportiva.

Pontas

Angelita Perucaria. O estabelecimento funciona na casa da baiana. A antessala é de arrumação simples, muito confortável, muito aconchegante, com vista para uma cozinha onde se vê uma garrafa térmica. “Café é meu único vício”.

Na mesa, vários papéis e agendas e também não poderia ser diferente. Angelita é requisitada aos fins de semana, durante a noite, são poucos os horários em que se pega essa mulher desocupada. No computador, moderno, “só jogo paciência. Meus netos é que mexem mais”.

Não se vê perucas na antessala, apenas aqueles pôsteres que vêm em revistas de corte de cabelo. A sala onde se costura e se implanta os fios está trancada, mas é evidente que em algum momento a baiana irá mostrar.

Por ora não. “Antes meu ofício era raro, hoje não, em Bauru tem muita curiosa que chega aqui e fica perguntando ‘deixa eu ver como é que faz?’. Aí, de repente, você vê aquela pessoa dizendo que tem curso não sei onde, no jornal, e não tem nada”. Como entrevistador, me veio o receio de parecer alguém que quer apenas especular sobre o ramo de Angelita.

A maior parte da freguesia de Angelita é composta por mulheres com alguma problema capilar ou que estejam fazendo quimioterapia. Dos homens, evidentemente, a maioria é composta por calvos ou carecas. “Mas também tem muita mulher careca, tal qual o homem, careca, careca, careca, tenho muitas clientes assim”.

Há quarenta anos no ramo, interrompidos pela pensão e pelas joias, Angelita reconhece a mais impecável das perucas. Quando a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, apareceu pela primeira vez em público com cabelos novos, a peruqueira já estava sabendo do que se tratava (a princípio Dilma não sabia se seus cabelos cairiam com a quimioterapia).

Mas... E o patrão? O maior dilema capilar da televisão brasileira teria resposta na boca de uma funcionária de Sílvio Santos?

“Ele não usa peruca. O que tem ali é implante, assim como o Gugu. É permanente, quando dá certo, é claro”. O implante é uma cirurgia em que se retira fios de onde o cabelo nasce normalmente e se implanta na parte careca. Outra técnica, essa também oficiada por Angelita, é a do *interlace*, em que uma agulha costura a peruca diretamente nos fios.

Mas o trabalho mais difícil é o psicológico. A maioria dos clientes chega desmotivado, tanto em decorrência de tratamentos contra o câncer quanto em função de problemas hormonais que condicionam a queda de cabelo. O humor de Angelita é suficiente para encher uma sala, mas será suficiente para consolar uma mulher que, do nada, precisou perder aquilo a que muitas destinam a maior parte de sua vaidade?

“Esses dias, chegou uma mulher aqui arrasada. Sentou na cadeira e só chorava, porque o marido não ia gostar mais dela, essas coisas... Fui batendo um papinho, conversando de outras coisas, depois peguei uma peruca que ficou linda nela e pronto. Mas não é fácil”.

Outro pedido constante e bem complexo é o da discrição. Quase todos os frequentadores do salão não gostam de serem vistos por ali. Entram com seus carros na garagem para dois carros, sobem e saem sem ser notados. Outros, mais despachados, não se importam tanto, mas o receio sempre existe.

O *atelier* de Angelita (“peruca é uma arte”) consiste em uma sala pequena com cabelos espalhados por dezenas de caixas. São tufos de todas as cores e tamanhos, amarrados por elásticos e separados por compatibilidade de tipo, coloração e tamanho. Duas máquinas de costura tecem os fios em tecidos menores, formando filetes de cabelo. Em seguida, cada filete é costurado em um outro tecido, com o formato de uma meia bola. É ele que será grudado de diversas formas na cabeça do cliente.

Os fios são de cabelo humano (existem perucas sintéticas, “de péssima qualidade”). Angelita compra tanto de terceiros quanto de “gente que vive de vender cabelo”. Esse ofício está no rol de barganhas nada objetivas, em que apenas um olhar clínico pode fazer justiça. “Tem gente que chega aqui querendo vender cabelo por uma fortuna, porque viu na televisão leilão de cabelo e acha que é assim no dia-a-dia. Não é assim. Cabelo se paga bem, mas não é tanto”.

(Antes desta entrevista, uma mulher conversava sobre negócios com Angelita. Seu marido vive de recolher cabelos de salões de beleza e revender para peruqueiras. O cabelo chega a passar por três pessoas antes de chegar na cabeça de alguém).

Outro fornecedor vem de navio, da Índia. Alguns cachos cruzam o oceano para chegar ao salão, e depois retornam, dessa vez para a Europa, onde Angelita mantém clientes bauruenses que se mudaram para lá. O único risco da importação é o estado dos fios. “Tá vendo isso aqui? Isso não é caspa, é lêndea”. Uma mente criativa logo poderia supor a catástrofe que se instauraria se se multiplicassem os filhotes de piolho por aquelas vinte caixas com trilhões de fios de cabelo.

Naturalmente, os fios ruins são descartados e os demais são lavados e escovados. “O mesmo tem que ser feito com a peruca. Você não pode esfrega-la como se esfrega a cabeça, mas sim lavá-la sempre penteando para baixo, com carinho”.

As perucas são presas de diversas formas. A mais simples é a fita dupla face, direto no couro não-cabeludo. Outro método, quando há um pouco de cabelo, é prender por meio de presilhas que se fixam tanto nos fios da cabeça quanto no tecido. “Não entendeu? Então vem cá”.

Sentado de frente para o espelho, entendo como as presilhas funcionam e em instantes estou parecido com o Gugu Liberato. “Vai, mexe, finge que está num show de rock”. E a peruca não cai. De maneira nenhuma. O “pé” do cabelo, região próxima à nuca, é tingido da cor dos fios artificiais.

Algumas perucas prontas ficam em manequins que se resumem só à cabeça. Cabelos crespos, ruivos, nem todas querem o loiro liso. No caso dos homens, o formato “tigela” predomina. Quando há uma encomenda, Angelita demora cerca de dois dias separando dentre os fios os que mais se entrosam, costurando os filetes no tecido e finalizando a peruca. Na hora da entrega, a série de recomendações;

“Se molhar, tem que secar, pode ser até no sol. Se for nadar é melhor não usar a fita, mas a presilha” (recentemente, uma senhora perdeu a peruca ao dançar entusiasmadamente em um baile). “E o cliente precisa fazer alguns retornos, para eu ver se está nascendo cabelo embaixo da peruca, se precisa de alguma manutenção, ou até para a pessoa propor mudar o corte, de repente, por que não?”.

O preço de tamanha consultoria capilar não é barato. Uma peruca não sai por menos de mil reais, até porque precisa de pelo menos seis grandes maços de cabelo, que são comprados por valores não muito amistosos. A consultoria é dada na região toda, principalmente nas cidades de Agudos, Lençóis Paulista e Jaú.

Amarração

As pontas da peruca nunca ficam duplas. Podem ser manipuladas, tratadas e readaptadas conforme a ocasião. A costura não deixa os fios se unirem, mas eles também não se separam grosseiramente. Há que tecê-los, é verdade, mas com a preocupação em não deixá-los, nunca, cair. Porque de tudo, como em tudo, o que fica é a raiz.

"Vontade de voltar para a Bahia? Não, acho que não. Fiz minha vida aqui em São Paulo, mas tudo o que sou veio de lá, e isso não muda".

Só o acaso define os rumos de tantos fios. E só as raízes para torná-los ao lugar de onde saíram.

III

No cinema com Maritza

SOS Consulta Espiritual
Negócios, amor saúde
30xx93xx

(Jornal da Cidade – 29/03/2009)

A cachorra se chama Vitória porque escapou de um estupro, foi adotada e recuperada. Passa bem e atrapalha a entrevista algumas vezes.

A gata sem nome não tem uma pata, mas pula em todos os móveis da casa, inclusive no galão de água.

Os outros dezoito cães e gatos adotados vivem nos fundos da casa de Maritza, que mora nos fundos de uma outra casa, em uma rua sem saída próxima ao viaduto no Centro de Bauru, que nunca foi acabado.

A baurense filha de alemão e viúva de dois oficiais da 2ª Guerra tem uma história de mutilações entrecortadas.

"Quanto eu conto minha vida, parece que estou vendo um filme e que você está vendo a mesma coisa que eu. Fica confuso. Mas eu gosto".

Trailler

"Os únicos homens da minha família que sobreviveram foram meu pai e meu primo". "Meu primeiro marido era barão do exército húngaro". "Meu segundo marido foi coronel do exército alemão na Polônia". "Fui sargenta da Polícia Militar em São Paulo, nas cadeias de Santos e do Carandiru". "Ouvi sobre os horrores dos homens, conheci os horrores dos homens, tive depressão". "Eu vejo as coisas". "Meu nome é Maritza mesmo. É um dos maiores rios da Europa, e uma homenagem a uma Condessa que ajudava o exército alemão". "Eu queria um lugar de gente normal".

(Espaço para o nome do filme – Em breve, nos cinemas)

Primeira parte

O roteiro começa na Guerra, do lado alemão. O pai de Maritza, contador de uma empresa de trens, feriu-se durante o conserto de uma condução. Mesmo tendo parentes do alto escalão do regime nazista, foi aconselhado a fugir. Nenhum dos dois lados iria poupar um homem com limitações.

"Primeiro, meu pai foi para o Paraguai e, aos poucos, veio descendo até Três Lagoas (hoje Mato Grosso do Sul). Ele era contador de um judeu, que pedia para ele comprar carne de porco escondido, porque ele gostava muito".

Casou-se com uma brasileira, filha de portugueses com índios "apegados a laços". Assim como uma legião de brasileiros, sentiu um vento Noroeste e recostou-se na estação de Bauru.

"Já velho, estudava muito para entender a língua. Ele chegou a dar aulas para os colegas dele, de tão esforçado". Na Noroeste, fazia contabilidade e traduzia textos dos manuais de maquinaria, do tcheco para o alemão e do alemão para o português.

"Mesmo depois da Guerra, era impossível falar com meu pai na hora da BBC. Ele grudava no rádio, queria saber tudo, e a gente não entendia nada".

Maritza não conta de que lado a família estava. Mas isso não é necessário. Os antecedentes familiares não negam que todos eram adeptos do partido de Hitler. Não cabe ao roteiro tecer juízos de valor. Deixemos para a Crítica.

Quando nossa personagem nasce, em 1948, a Guerra já havia acabado, mas os ex-combatentes e habitantes dos países envolvidos estavam no auge da reconstrução de suas vidas. O rescaldo do combate, para quem não combateu, foi seguramente mais penoso.

"Meu pai virou uma pessoa muito amarga, muito reservada. Sempre muito austero, nos educava na base do pinico". O pinico era o único objeto a que Maritza e o irmão tinham acesso quando não cumpriam suas obrigações escolares. Se, ao final do dia, todas as provas que o pai passara não estivessem feitas, os dois ficavam trancados no quarto até refazerem tudo.

A cadela Vitória faz a primeira interrupção de um total de três. Pula e quer carinho. Depois se deita no sol na pequena garagem da casa. Ninguém imagina que ela passou por um estupro (esse é o termo usado). A gata irritadiça só desnuda sua pata amputada nos raros momentos em que sossega. Ela não sossega.

"O Alan Kardec diz que gente é gente, mas pode perfeitamente reencarnar em um animal".

Se Vitória fosse a reencarnação de alguém, quem Maritza escolheria?

Segunda parte

"Meu primeiro marido foi o amor da minha vida". Era veterinário oficial do Exército húngaro e vivenciou a Guerra do ponto de vista de quem perdeu não só a guerra. "Ele sonhava com o horror do exército russo. Cada coisa que ele me contava parecia um filme de terror". A mulher russa, dizia ele, era pior que qualquer homem de qualquer tropa. Não fosse pela amizade que conquistara com um médico soviético, teria sido assassinado como os outros no campo de concentração. As viagens de um campo para outro eram a pé. Ao primeiro tropeço, tiros de fuzil não deixariam vestígios de corpos que ninguém enterrava.

Maritza conheceu o amor de sua vida quando trabalhava no centro de exames psicotécnicos. A mesma história, a mesma origem, o mesmo lado. Estaria nossa personagem materializando quem ela gostaria que reencarnasse?

Vitória sai do sol e vai latir para alguém que quer entrar. É Bórica, a única filha de Maritza, fruto do primeiro casamento. Bórica é o apelido para Bárbara nos países do leste europeu. Seria o equivalente a Barbarazinha ou algo do tipo. Barbarazinha faz carinho em Vitória, se apresenta, oferece um copo de água e entra em casa. A cachorra volta para o sol.

Já casada, a esposa do oficial húngaro passa em um exame para a Polícia em 1972. Polícia Militar. "Fui terceiro sargento da Escola das Forças Armadas onde hoje funciona o museu da Polícia", ostenta. Ostenta não. Lamenta. "Eu passei por coisas na Polícia que você nunca acreditaria".

A primeira repreensão que Maritza sofreu foi por sua conduta sexual. Heterossexual. "Na Polícia Feminina, quem gostava de homem era castigado, mandado para os piores lugares". De posse dessa informação, a sargento acabou descobrindo que todas que trabalhavam com ela tinham sua mesma condição: ou eram casadas, noivas ou simplesmente gostavam de homens.

"Você se recorda do Edifício Joelma?".

O Edifício Joelma era um dos mais suntuosos prédios do centro de São Paulo. O incêndio provocado por um curto-circuito no ar condicionado do 12º andar ainda é tido

por muitos paulistanos como a pior tragédia da capital. Oficialmente, 179 pessoas morreram.

"Eu contei 360", diz Maritza, à época, 1974, escalada para auxiliar nos trabalhos de autópsia e reconhecimento de corpos. "Eram corpos mutilados de toda ordem, pedaços de roupa, um cheiro insuportável". Uma das auxiliares, da ala privilegiada do batalhão, brincava com os cadáveres para enojar Maritza. Que não se importava. "Eu demonstrava uma frieza que eu nunca tive. Aquele lugar era o lixo do lixo".

Terminados os trabalhos no Joelma, as oficiais ganharam folga mas não puderam sair de São Paulo por um período. "Pus uma peruca, aliás eu tinha várias perucas, me disfarcei e vim para Duartina, onde eu e meu marido morávamos".

Maritza foi denunciada. A corporação chegou a entrar no ônibus e averiguar todos os passageiros, menos Maritza, camuflada no último assento, rumo à região de onde, pensava, nunca deveria ter saído.

A família nunca teve muitos amigos, já que o veterinário húngaro era reservado. Os únicos amigos eram ex-combatentes ou familiares de alemães, geralmente beberrões que não haviam digerido os traumas da guerra. Apenas um deles, um coronel polonês, era de confiança.

"Ele era o único a quem eu reclamava da vida", recorda-se, talvez por não querer comprometer a saúde psicológica já debilitada de seu esposo. Pois, em 1989, o veterinário húngaro sofreu derrame, do qual convalesceu até 1994. No ano seguinte, Maritza se casa com o amigo polonês.

"A mulher dele era meio traumatizada, fumava muito, só dava atenção para os cachorros. Ele me falava que ainda iria se casar comigo".

Em um novo casamento, já afastada da Polícia, Maritza ainda pena para encontrar as respostas para uma pergunta que Kardec lançara: quem ela gostaria que reencarnasse?

"O meu pai tinha um chulé muito forte. E eu volta e meia sentia o chulé dele, anos depois de ele ter morrido. Pois certa vez eu perguntei para um padre que foi me visitar o que aquilo queria dizer. E ele me disse: ´Maritza, você sente as coisas. É o seu pai´".

Vitória se deleita no chão e olha ressabiada para a gata sem nome, que derruba um porta-retratos.

“A partir do meu pai, descobri que eu posso pressentir algo, orientar as pessoas”. Ela não faz trabalhos. “Trabalho é estelionato. Já conheci pessoas que perderam casas e dinheiro na mão de enganadores”. Maritza orienta.

Sobre a mesa, imagem de São Miguel Arcanjo, tratado na Bíblia como líder de um exército de anjos e que para algumas doutrinas é o mesmo que Jesus. Ao lado, uma mesa radiônica, que na verdade é uma tábua colorida com desenhos semelhantes aos formados por um caleidoscópio. “Eu vejo como estão as vibrações de energia de quem me procura e, depois, dou conselhos”.

Última parte

Viúva pela segunda vez, mãe de Bórica e cuidadora de vinte animais pegos na rua, Maritza não enriqueceu com pensões de militares e muito menos com os trabalhos espirituais.

Os créditos que costumeiramente contam o fim dos personagens quando os filmes terminam jamais dariam conta de sintetizar o que Maritza foi e como ela vive. Até porque nem ela consegue.

Saindo da sala de cinema, ao receber um afetuoso abraço dessa senhora, ficou mais fácil entender por que alguns filmes não têm fim: não há ironia suficiente, nem na mais fina literatura, que consiga imitar em pouco tempo a vida real.

O desfecho da ex-militar de família alemã que trabalhou nos antros da Polícia e hoje insurge contra os desafetos espirituais fica para a parte dois do filme.

Em breve, em algum cinema longe de você.

IV

Coisas normais da vida

Desapareceu cachor-
ro preto, porte peque-
no, bem peludo, aten-
de por Negão,
F: 3x3x-86x9

(Jornal da Cidade – 20/09/2009)

Negão desapareceu em um domingo de um inverno incomum, permeado por chuvas intensas que dão dor de cabeça em qualquer dona de casa. O vira-lata agitado quis seguir a dona, Rose, que fora buscar a filha na chácara, que fica dentro da cidade. A mãe de Rose, que mora com ela e o restante da família, abriu a porta da sala para uns visitantes que estavam de saída e Negão foi atrás da dona. Não voltou mais.

"Assim que notamos a ausência dele saímos atrás, olhamos tudo aqui na redondeza, mas não achamos. Era um domingo em que não tinha uma alma viva na rua, não sei se passou alguém e pegou, verdade é que nunca mais o vimos".

Rose é uma dona de casa que cuida do marido, da mãe e de dois netos que moram com ela. Cuida ainda de uma São Bernardo, Dóris, e de um poodle, Sit. Cuidava ainda de Negão, com quem Sit não se entendia muito bem. Por fim, cuida de uma casa grande, estilo sobrado, e de um passado que não se revela facilmente.

A dona de casa é dona de uma história dita "comum", repleta de "coisas normais da vida", e que não são ditas nem quando o entrevistador, por insistência, pergunta tanto que ouve, justamente, que estava sendo "invasivo".

As únicas vidas invadíveis naquele sobrado são as dos animais. Os cães, o Negão e as "bitas", cabritas que Rose e o marido tomam conta na chácara. Dos humanos, fica a suposição inócua do que pode se supor a respeito de uma vida composta por "coisas normais".

Sobre qual normalidade fala Rose?

Ela não tem saudades

Rose se casa aos 17 anos com o homem com quem está até hoje. Logo têm as três filhas, que saíram cedo para "tocar a vida" mas que mantêm contato com frequência. Ficaram cinco netos, que a tratam por mãe. "Casei muito cedo, mas não

acho que seja diferente do que é hoje. Aliás, acho que hoje em dia é mais normal, com essa história de todo mundo ter filho antes de hora".

Rose conheceu o marido numa escola que não existe mais, próxima da casa onde moraram nos últimos 30 anos, interrompidos por cinco vividos na chácara que construíram para distrair e criar gado e cabras.

"Na verdade, são umas dez cabras, não é para abate nem para nada, uma hora vamos ter que arrumar um rumo para as 'bitas'".

A dona de casa se envaidece quando fala dos animais e se fecha ao falar de si. Não é por vergonha, até porque não se ruboriza ou se incomoda, mas é pela insistência de que viveu "coisas normais", as quais não precisam ser compartilhadas.

Mas a normalidade não se explica com a facilidade com que se descreve a estranheza. Quem se julga normal sabe que o exótico está presente, mas não precisa ser vestido. Apenas apreciado.

"Eu gosto de ser dona de casa. Criei minhas filhas assim e nunca quis ser outra coisa. Uma vez meu pai virou para mim e disse: 'você ainda vai ser doutora'. Mal sabia ele que no fundo eu já sabia que o único diploma que eu queria era o diploma de mãe".

Viu o Altos da Cidade ganhar todos os benefícios básicos que o tornam quase-exceção em uma Bauru sem-asfalto. O sobrado dividia a Rua Antônio Alves com apenas mais uma residência, o resto era terra e terrenos, deserto. Quando criança, morava no Bela Vista, outro bairro inóspito até então.

"Bauru hoje é a minha vida, não consigo imaginar ter crescido e ganhado tudo o que ganhei em outra cidade. Não me vejo morando em outro lugar, é como se fosse minha casa".

Saudade não é a palavra de Rose. Não gosta de músicas antigas e nem fica lembrando com nostalgia do passado, apesar de reconhecer que tem lembranças muito boas. Nem o progresso que urbanizou para o bem e para o mal seu bairro é visto com maus olhos. "Não sou maniqueísta, a cidade mudou muito, mas algumas coisas para pior e outras para melhor".

O carinho pela cidade é tão grande que até o apreço pelo campo, motivo pelo qual o marido é agricultor, se concretizou no perímetro urbano. A chácara do casal, de quatro alqueires, fica dentro de Bauru. "Não pegamos nada de terra para ir até lá". Muito embora lá haja terra, suficiente para o marido chegar pouco antes da entrevista reclamando que sujou as meias e a barra da calça jeans.

Foi fazer compras e trouxe um cão

Negão foi encontrado pelo marido de Rose na frente de um supermercado no centro da cidade. Era época de campanha política, e as moças que faziam panfletagem haviam adotado temporariamente um cachorro simpático que andava por ali. Ao final do expediente, as moças deveriam arrumar um destino para o animal, que não poderia ser levado para suas casas.

"Moço, você quer um cachorro?"

"Vou falar com minha mulher. Pegou o cachorro e trouxe para mim. Ah, na hora eu me encantei por ele. Mas a orelhinha dele parecia uma árvore de Natal, de tanta bolinha de carrapato. Levei para o rapaz que dá banho nos meus cachorros, passou remédio e trouxe ele pra casa. Isso já faz um ano".

A ligação com cães vem desde criança, mas encontrou um entrave durante a infância. Rose é filha única de um pai "desesperado". "Meu pai era louco, alucinado, que não podia brincar, ele tinha um medo que alguma coisa fosse acontecer comigo que era uma coisa impressionante".

Já casada e com filhas, estudava a possibilidade de adotar cães, mas primeiro veio a pendência burocrática de estabelecer limites para os animais. Rose não queria ter bichos se não pudesse ficar com eles dentro de casa. Ao que parece, o problema está resolvido: durante a entrevista, Sit sobe em cima da mesa da cozinha, enquanto Dóris e seus pelo menos dez quilos zanza com o longo rabo pela casa toda.

O carinho pelos animais torna inevitável um questionamento sobre visão de mundo, o mundo dos homens, sobre o qual Rose hesita tanto em falar. "O mundo está deteriorado, tanto as pessoas quanto o meio ambiente... Agora estou num dilema, não sei se eu acredito nas pessoas que possam ter algum jeito. Não acredito mais nas pessoas. Às vezes tenho uns lampejos de que a gente vai dar a volta por cima, às vezes não. Eu ando achando que o mundo não tem jeito".

Não se trata de pessimismo, até porque Rose parece de bem com a vida, apesar da aparência austera e do falar lacônico (à exceção de quando aborda, evidentemente, Negão e seus pares).

O falar apurado, as palavras milimetricamente estudadas e colocadas de maneira criteriosa denunciam uma mulher altamente resolvida e sem grandes mágoas. Nunca pensou no que faria se fosse famosa, tampouco no que diria se tivesse o mínimo de projeção.

“Talvez eu voltasse tudo para trás, não seria bom?. Não no passado, não tenho aquela coisa melancólica, mas corrigiria o que nós fizemos de errado”.

Rose daria um conselho para o mundo, mas não gosta de dar conselhos para as pessoas, nem de receber. “Não sou muito boa para dar conselhos, e para mim não adianta ninguém dar. Eu tenho um padrão pré-estabelecido das coisas, porque quando a gente chega na minha idade já viveu um pouquinho, né?”.

Esse pouquinho são 54 anos ativos, ao que parece cheio de atribulações domésticas, como a chefe de uma casa como há tantas no mundo e para as quais poucos dão algum tipo de reconhecimento. A recursos humanos do lar geralmente se esconde na pecha “do lar”, pouco fala, pouco é ouvida.

À espera de Negão

Rose já teve um Beethoven, do filme. “É aquilo mesmo, toma água da privada, sai andando com cadarço de sapato, o filme retratou muito bem”.

Beethoven ficava com Rose aos finais de semana, quando a dona pedia para que ela olhasse. Na chácara, recebia todos os cuidados até ser comprado e ganhar novo apelido, Beto. Antes da aquisição, o cachorro estava sarnento, cheio de carrapatos e com a saúde tão debilitada que o veterinário chegou a decretar que o animal não iria muito longe.

O remédio de Beto foi conhecer um novo amor, a Dóris, que, sossegada, ouve a história acomodando o gigantesco focinho sobre os joelhos do entrevistador. Beto sarou e da primeira noitada com Dóris nasceram onze filhotes, que Rose teve de tratar um a um.

“A gente revezava porque não podia dormir, ela deitava em cima dos filhotinhos e sufocava eles, matou metade”. A segunda ninhada foi mais modesta: nove. “Eu não sabia o que fazer com tanto cachorro, não dava pra vender, ninguém queria um bicho desse tamanho”.

Beto acabou falecendo, e a viúva Dóris já beira a terceira idade. Segundo Rose, São Bernardo não costuma viver muitos anos, e ela, de acordo com estimativas, está com oito anos.

A idade de Negão Rose não conseguiu precisar. Supõe que seja novo, por causa dos dentes brancos e ainda sem tártaro.

A esperança de encontrá-lo não acabou. Rose anuncia nos Classificados aos domingos (já anunciou diariamente), liga todas as semanas no Centro de Controle de Zoonoses e em ONGs que cuidam de animais abandonados, além de manter um "procura-se" em um *site* especializado da cidade. Confessa que se frustrou quando o telefonema que motivou a entrevista era a respeito de uma entrevista, e não de notícias a respeito do paradeiro do cão.

Além de encontrá-lo, Rose mantém outros planos de vida. Gosta do futuro. Ainda quer fazer muitas coisas.

"Mas a gente faz um plano e Deus faz outros, não é?", diz se referindo a um acidente por que passou recentemente. "Esses dias estava toda eufórica, porque eu sou muito ativa, muito serelepe, quero tomar conta de tudo e de todos. Aí eu fui tomar banho e levei um tombo no banheiro, mas um tombo. Estourou todos os ligamentos aqui da perna. Quer dizer, acabou comigo... Não posso andar, não posso fazer nada...".

"Aí eu vi como as coisas são efêmeras. A vida é uma coisa... Muito... Muito... Como vou dizer? É um pavilzinho assim que qualquer ventinho apaga".

Que não apaguem as histórias guardadas a sete chaves por Rose, a dona de casa e de tantos segredos. Dona de alguns cachorros e cabras, de uma percepção além-do-tempo das coisas, de um São Bernardo que vive dentro de casa, de um passado bom mas que ficou guardado, sem passadismos.

Coisas normais da vida...

V

Os hóspedes da pensão fantasma

O DEMOLIDOR
Compro mater. de
constr. usados e ma-
deiras. F: 3x18-1xx5

(Jornal da Cidade – 20/09/09)

Cinco casas na rua Albuquerque Lins, na Vila Falcão de Bauru, estão sem o telhado, sem a fiação, sem as janelas. Aos poucos elas vão perdendo a configuração de casas, ficando parecidas com ruínas que sobraram de um tufão, de um desastre. Mas trata-se de um desastre organizado, cercado por tapumes que deixam o aspecto de que ainda há vida naquela quadra. A vida, estampada em um dos tapumes, denuncia quem passou por ali: O Demolidor.

Na quadra treze da rua Gérson França, nos Altos da Cidade de Bauru, um terreno baldio espera por comprador. A área é grande, comporta perfeitamente um bom sobrado e até um pequeno prédio. Não está abandonado. O mato é aparado e há poucos indícios de que a casa que havia ali não existe há muito tempo. Pichado no tapume, o autor de tanto zelo com o nada: O Demolidor.

A rua São Sebastião, no bairro homônimo na periferia bauruense, tem dois imóveis que guardam abarrotados restos de construção, madeiras em perfeito estado, janelas, pias, privadas, esquadrias, espelhos, tomadas, restos de casa que não existem mais. No comando desse brechó de pedaços de residências, um empreendedor simpático, comunicativo, cheio de projetos. Fez a vida construindo casas ao contrário. A demolição não é bruta. É tijolo por tijolo, exije planejamento, alvará, profissionalismo e o principal: o entendimento de que quem quer desfazer uma casa quer que o serviço seja feito com cautela. Sérgio, O Demolidor, é o arquiteto do desfeito.

Sentado em uma mesa cheia de papéis, vê seu estoque de materiais de construção crescer na proporção em que cresce uma pergunta incomum: qual a próxima casa que teremos que desconstruir?

Acabamento

Sérgio, O Demolidor, procura entre os documentos um contrato para explicar seu serviço. Quem quer se desfazer de um imóvel precisa estar ciente das condições de trabalho dos oito funcionários, da forma de pagamento e do principal: a demolição não tem volta.

"Quem me procura geralmente comprou um imóvel ou herdou de familiares, então não tem muito apego. Quem fica mais triste são os vizinhos daquela casa, que viu muita gente nascer e morrer ali, e você vê que aquilo faz parte da história deles. Então você ouve, 'puxa vida, aquela caaaasa, morou fulano, tinha muita amizade com ele...'".

Embora não ache o contrato, explica como o procedimento funciona. "Eu faço a demolição e em troca fico com o material. Eu reciclo material de construção. Pego ele inteirinho na casa da pessoa, depois vendo para que ele vá para outra casa. O pessoal fala de reciclar papel, lixo, e ninguém se lembra de que tem gente que faz casas a partir de casas, e sem processo industrial nenhum pra isso, ao contrário das outras reciclagens".

Quando o material não é suficiente para pagar a demolição, ou porque o serviço é custoso ou porque muita coisa não pode ser aproveitada, Sérgio cobra pela mão-de-obra. Outro tipo de serviço é a demolição interna, que também é cobrada, nos casos de reformas. O material é vendido pela metade do preço de mercado do mesmo material novo.

"Por isso que quem trabalha com demolição tem que ficar perto da periferia, porque os nossos clientes são pessoas de baixa renda, que não têm muitas condições de comprar as coisas novas".

Ao contar a vida, Sérgio se esmera, se esforça, faz de tudo, e consegue colocar o seu serviço em qualquer estágio. Tem orgulho do que faz, a ponto de que se lhe perguntar "qual o seu sonho?", lá está a demolição: "Quero construir uma casa inteira só com material de construção reaproveitado".

O Demolidor conheceu o ramo em São Paulo, quando foi trabalhar para um tio, aos 16 anos. No ABC Paulista, o tio acompanhava o progresso da região pelo serviço de demolição, que é uma espécie de termômetro de como uma cidade vai se configurar nas

décadas seguintes. “São Caetano, por exemplo, que é uma cidade sem divisas, precisou crescer para cima. Então, o ramo da demolição cresceu muito, porque casas foram desfeitas para darem lugar aos prédios”.

Mais gradualmente, e anos depois, Sérgio enxergou uma Bauru com divisas (muito embora sem limites), mas que tinha um Centro saturado. Ou crescia para cima ou não crescia mais. “O que está levando esse avanço da demolição é justamente a falta de terrenos na área central e a verticalização”. E é no Centro que O Demolidor tem mais trabalho. E é no Centro que um imóvel em especial deixou de existir.

“A casa que deu mais pena de demolir foi a pensão mais antiga de Bauru”, conta. O prédio, na Avenida Pedro de Toledo, estava condenado. “Na época, eu não dei valor para uma coisa que hoje poderia ser muito importante. Eu achei no meio da construção alguns livros de registros, com nomes de todos os hóspedes que passaram por ali desde 1928”.

Os hóspedes da pensão fantasma dão trabalho a Sérgio até hoje, que pensa em quem seriam aquelas pessoas, porque vieram a Bauru no início do século passado e, mais do que isso: quem vive numa casa, se hospeda em um hotel ou constrói um prédio tem a exata dimensão de que quase-inevitavelmente aquela edificação não vai mais existir dentro de algumas décadas?

Tanta filosofia precisa ser interrompida para dar conta de mais projetos, que são até mais precisos do que a construção de um imóvel. “Meu diferencial é o profissionalismo. Tenho que analisar a estrutura da casa inteira antes de derrubá-la. Muitas vezes as paredes não estão amarradas, por exemplo. Se eu não levo isso em conta, elas caem em cima dos meus funcionários”.

Sérgio, aliás, se reporta aos empregados sempre que explica a dinâmica do serviço. “Eu sempre fui meio socialista com esse negócio de quem trabalha pra mim. Esse ramo precisa cuidar dos empregados, porque, veja bem; quando alguém constrói uma casa, a primeira coisa que ela faz é ligar a água e a luz. Quando a gente desmonta uma casa, a primeira coisa a tirar é a água e a luz. Como meus funcionários vão sair do serviço sujos? Como vão ao banheiro? Eu preciso dar condições para eles”.

No combo patronal está incluída marmita farta e diária, todo o aparato de segurança e o respaldo do contrato. Quem não cerca a demolição de todos esses cuidados, principalmente os trabalhistas, joga para o dono do imóvel a responsabilidade de arcar com indenizações, caso algum acidente aconteça.

E a burocracia não para. “Quando você vai construir, na Prefeitura existe uma planta da casa que ocupa aquele terreno. Para que você dê entrada em outra planta, você tem que eliminar a anterior”. É o alvará de demolição, que informa a Secretaria de Planejamento que outro imóvel será construído. No caso de imóveis do Patrimônio Histórico, somente com autorização que comprove o abandono e a impossibilidade de revitalização é permitida a demolição. “Muitas vezes a casa é histórica, mas está completamente abandonada, servindo de abrigo para usuários de droga e causando riscos para quem vive na redondeza”.

É o caso da pensão fantasma e da casa na Gérson França.

“Aquela casa era a casa mais fina que tinha. Na sala, o forro era feito em mosaicos com umas seis qualidades de madeira. Era uma rosa dos ventos no teto só variando cores de madeira. Aquilo me deu uma dor porque eram pedacinhos de madeira que não dava pra montar de novo”.

Estrutura

A outra ponta do serviço de Sérgio, O Demolidor, é a venda do material adquirido no desmonte das residências. A demanda por material de demolição é tão grande que, apesar de a empresa efetuar o serviço com rapidez e com frequência, falta madeira para vender.

No pátio alugado na frente do escritório de Sérgio há todo tipo de madeira, algumas madeiras de lei. Caibros de Ipês, Aroeiras e Perobas, todas madeiras com corte proibido, mas que podem ser revendidas. Há também filetes que servem de base para deques de piscinas, chamados de “macho e fêmea”, porque uma peça é montada a partir de conveniente encaixe dentro da outra.

Exatamente tudo o que se pôde aproveitar na demolição fica com Sérgio, desde as menores coisas, como interruptores, até canos, calhas e telhas. Em pleno sábado de manhã, um cliente que está montando uma sorveteria procura por portas de correr. Apesar de haver no depósito pelo menos trinta portas e portões de toda qualidade, nenhuma era do jeito que o homem queria.

Há ainda peças raras, como balcões de granito com espessura três vezes maior que os comercializados hoje. A fiação da casa é aproveitada, desde que tenha mais de três metros. Os fios corroídos ou muito curtos são derretidos e vendidos como sucata,

outro segmento que movimenta dinheiro suficiente para ser a bola da vez da criminalidade: o dos furtos de redes elétricas das casas.

O ramo da sucata, entretanto, sofreu abalos com a crise econômica e hoje já não paga tanto nem aos surrupiadores elétricos nem aos profissionais da demolição.

Sérgio sabe que, mesmo não vivendo para ver isso, tem um trabalho à beira da extinção. Isso porque a parte estrutural das casas ainda pode ser aproveitada hoje, quase oito décadas depois de sua construção, porque as construções eram mais sólidas, trabalhadas. “Hoje as casas são feitas de forma muito prática, então você não aproveita os tijolos, por exemplo. Aqueles tijolos de concreto quebram na demolição, viram sucata também. Hoje eu aproveito até 60% do material”.

Mas Sérgio não viverá para ver o fim de seu empreendimento. A demanda por material usado é constante, motivo pelo qual seu estabelecimento atende até o meio-dia aos sábados e domingos. Um casal logo chega atrás de janelas e acaba se interessando por um balcão de banheiro. Promete voltar durante a semana.

Tanta fama advém de uma campanha incisiva nos Classificados e nas páginas amarelas de listas telefônicas que cobram pelo serviço. Sérgio reinava imponente na seara amarela até que outra empresa, e com anúncio melhor, dividiu espaço com ele no campo “Demolições”. Mas não é algo que precisa suscitar tantas preocupações... “O cliente logo sabe que o serviço deles é diferente... Eles tiram as portas e janelas e derrubam tudo com a máquina, o material não é aproveitado, como no meu caso”.

Mesmo assim, o empreendedor já planeja para a próxima tiragem da lista encampar um anúncio menos modesto, maior e mais ousado. Sérgio entende de negócios, até porque “quem não é visto não é lembrado. Esse tipo de propaganda nunca me deu retorno imediato, mas sempre tem alguém que comenta com o outro ‘ah, você viu O Demolidor nos Classificados de domingo?’”.

O nome sintético e elucidativo não se parece com o outro, criado em uma fase anterior da vida de Sérgio, mais poético, mais... adolescente.

Alicerce

Thor Demolidora. Essa era a empresa de Sérgio em São Paulo, uma homenagem ao Deus do Trovão, que “aparecia no anúncio com uma marreta varando uma parede. Sempre associei o nome a uma coisa que a pessoa sabe o que você faz”.

O Demolidor já foi mais aventureiro. Aos 16 anos saiu de Bauru e se mudou para São Paulo, para trabalhar em uma agência do Bradesco. Casa-se aos 17 anos e se separa aos 21. O período, a adolescência, é lembrado por Sérgio como a fase "em que as coisas tinham mais emoção". "A gente vai crescendo e vai ficando mais responsável, tem que ser assim, mas aquela irresponsabilidade da juventude também dá graça às coisas. A infância, por exemplo, a primeira vez que eu vi a praia fiquei fascinado. Hoje eu me esforço e não consigo resgatar aquela sensação de maneira nenhuma".

Aos 21, segue para Salvador, cidade onde sonhava, dessa vez, construir, uma pensão. "Eu tinha uns parentes na Bahia, família italiana é tudo grande, e fui pra lá pra ver se conseguia construir minha pensão".

Não constrói, mas monta um restaurante e passa a lidar com dois novos ofícios: a administração e a gastronomia (em Bauru, anos mais tarde, Sérgio gerenciaria duas pizzarias antes de voltar para o ramo da demolição).

Casa-se novamente com uma soteropolitana, que arrasta de volta para Bauru e com quem tem dois filhos. Separa-se novamente. Atualmente, uma garota uns bons anos mais jovem amacia o coração de Sérgio, O Demolidor, com quem tem mais duas filhas.

Antes de se estabelecer definitivamente em Bauru, vai e volta para São Paulo algumas vezes, onde monta a Thor Demolidora. "Minha loja era num lugar muito periférico de São Paulo, eu fui assaltado muitas vezes até que me cansei e voltei para Bauru". Sérgio também entende de segurança pública. Seu pai era da Polícia Militar, "numa época em que não tinha crack, a malandragem era bem diferente, bem mais 'tranquila'".

Passa pelas pizzarias, bancos, lojas de materiais de construção, demolidoras, transportadoras... "Eu falo para os meus funcionários, tudo o que vocês virem aqui vocês aprendam. Eu aprendi muita coisa na minha vida, não tem nenhum dia que eu não abro o jornal e não encontro pelo menos um ofício que eu saiba fazer. Minha pizza, aliás, é muito boa".

Sérgio parece saber tudo sobre o que fez e o que faz, é um mestre de obras que maquina simultaneamente a casa que está ruindo, o material que vai para o estoque e em quais casas ou estabelecimentos aquilo tudo pode servir. E parece que fazia tudo isso com os outros ofícios, que lhe deram certa estabilidade, mas que ainda não lhe responderam a uma questão:

- De tudo, o que valeu mais a pena?

Fundação

Sérgio nasceu em Dois Córregos em 22 de abril de 1964. É filho de um Policial Militar e de uma comerciária, que hoje coordena expedições ecológicas a um sítio de Bauru. Já demoliu mais de 300 imóveis ao longo da vida, dentre eles o quarteirão da Albuquerque Lins, o sobrado luxuoso da Gérson França e a pensão mais antiga da cidade.

Pretende construir uma casa com material de demolição. Enquanto esse dia não chega, continua vasculhando possíveis empreendimentos, limpando madeiras antigas, coordenando os oito funcionários e procurando, no meio de uma pilha de papéis e jornais, algum contrato que mostre o que ele faz. A certeza com que fala de seu serviço torna desnecessária a prova contratual. Sérgio constrói casas ao contrário e talvez só pare caso algum hóspede da pensão fantasma venha lhe puxar os pés.

Mas ninguém puxaria os pés de Sérgio, O Demolidor. Eles estão firmes sobre um alicerce de histórias e certezas, todas ao contrário.

VI

Completamente, meu caro Silva

Detetive Souza –
Sigilo absoluto Lic. 693xx
91xx50xx/9x3x7x8x

(Jornal da Cidade – 20/09/2009)

O adultério não tem nome. Ele usa capacete e anda sorrateiramente pelas ruas de qualquer lugar onde há um homem e uma mulher. Um homem e um homem. Uma mulher e uma mulher. Quem dança fora da barraca pode ter algumas certezas. A certeza ingênua de que nunca será pego ou que caso um dia venha a ser, jamais o será pelas mãos de seu cônjuge. Nessa hipótese, o famoso jeitinho pode reatar o relacionamento.

Mas o jeitinho não conhece Souza. O homem robusto de 63 anos há vinte e cinco se especializou em tirar o capacete do adultério e mais do que isso, telefonar para o traído, a fim de que ele mesmo presencie o fato consumado. Para evitar que o mentor da escapadinha tente provar que seu parceiro está tendo delírios, Souza filma. Fotografa. Não restam dúvidas de que seu trabalho é implacável.

Amante de filmes e livros que detetive, acabou cunhando um tique semelhante ao personagem mais famoso do segmento. Contra a presunção do "elementar", adquiriu o popular "completamente". A qualquer pergunta, mesmo as que não exigem respostas assertivas, há que se esperar a resposta.

"Completamente".

Como Souza não tem um fiel escudeiro, a interjeição pode servir para ele mesmo, no caso o Silva, o outro sobrenome do detetive que, por razões de anonimato, não estampam as páginas secretas dos Classificados.

A hipótese

"Minha mulher está me traindo". É assim que geralmente começam as conversas entre Souza e seus clientes, situação válida, evidentemente, para o sexo oposto. "Meu marido está me traindo". "Hoje não tem mais essa de só mulher procurar, está tudo muito igual, completamente".

Aos poucos Souza vai revelando que as abordagens conjugais, inicialmente, são muito parecidas. Exemplifica com casos reais, com a empolgação de quem, ao final de uma demanda, ostenta as provas do crime com um eufórico "eu consegui". "Hoje só 10% das pessoas que me procuram têm alguma dúvida. O resto já é certeza, a pessoa já sabe que o parceiro está traindo e, completamente, precisa de uma comprovação".

Seria então um mito que os homens traem mais? "O que acontece é o seguinte. Quando a mulher está com dúvida, é porque o homem normalmente dá mais motivos para que a mulher desconfie. Se ele chega em casa todos dias às sete da noite e de repente ele começa a ir rapidinho num bar, tomar uma cervejinha com os amigos, jogar alguma coisa, a mulher já começa a colocar coisas na mente".

Souza é um boa praça. Talvez esse seja seu maior disfarce. Passa completamente desapercebido e por isso nunca passa uma temporada sem três, quatro casos para resolver. Permita o leitor uma rápida digressão.

A entrevista foi marcada para às dez horas da manhã de uma sexta-feira acalorada. Souza preferia um lugar público, pois já estava no Calçadão da Batista, maior centro de compras de Bauru, que rasga o Centro de fora a fora, onde a temperatura é pelo menos uns 30 graus maior. Ficou acertada a Praça das Cerejeiras, parque que rodeia o Palácio homônimo que na verdade é um predinho simples onde funciona a Prefeitura. Fica acertado um banco posicionado ao lado de um caixa eletrônico, por onde passam dez pessoas até a chegada do entrevistado.

Como entrevistado e entrevistador não se conheciam, ficou o suspense óbvio na praça. Quem é quem? Um senhor chama a atenção. Camisa alinhada por dentro das calças sociais, óculos de aro fino, cabelo ralo engomado para trás.

"O senhor é o Souza?"

"Não, sou taxista".

Passam pelas Cerejeiras mais centenas de possíveis Souzas. Seria Souza uma mulher? Ou seria um rapaz que despojadamente desce do carro apenas de chinelo e bermuda e tira o extrato no caixa eletrônico?

Quando Souza chega, num carro antigo e relativamente avariado, nenhuma hipótese se confirma.

Souza é um detetive de mão cheia. Talvez Agatha Christie não tivesse feito Poirot de forma tão caricata e inconfudível se conhecesse os traquejos de que o "bauruense nascido em Paranapiacaba" se vale. Completamente.

Os disfarces

"No meu carro tenho três quatro bonés, vários tipos de roupas, tudo porque cada caso é um caso. Se o investigado é um executivo, por exemplo, tenho de segui-lo em seus ambientes, por isso uso terno e gravata. Se de repente ele se encontra com a mulher em um clube, tenho que ficar de bermuda e chinelo... Como sou careca, posso usar bonés, chapéus, perucas... Muitas vezes faço a barba, deixo a barba, depende da situação".

Em sua agência de detetives trabalham Souza, sua filha, seu genro e mais um funcionário. Todos têm à disposição um carro e duas motos com capacetes variados. A saga em busca do adultério não tem dia nem hora para acontecer. Ao final do caso, um relatório é apresentado com todas as coordenadas do caso. "Tem cliente que vigia a gente. Muitas vezes a mulher do cara está em casa e ele te liga para saber onde ela está. Se eu não tenho um relatório provando que eu a segui no serviço até ela chegar em casa, posso 'dar um fora' e inventar que ela ainda está trabalhando, por exemplo. É preciso ficar esperto".

O caso que exigiu maior esperteza aconteceu não faz muito tempo. "Nós seguimos uma mulher por quase quinze dias. No dia quatorze nós demos o flagrante. Ela pegou o cara, pôs o cara dentro do carro, entrou no motel. Filmamos e fotografamos tudo. E o marido tinha pedido pra gente ligar pra ele porque ele queria dar o flagrante".

Souza e sua equipe ligaram para o homem. De moto, ele se dirigiu até o local dos fatos. "Ele ficou muito nervoso e começou a bater o capacete no portão do motel, gritando que ia chamar a polícia. Não adianta chamar a polícia porque eles não atendem mais isso".

O rapaz que supostamente estava sendo traído conseguiu entrar no estabelecimento e após revirar os quartos não encontrou sua esposa nem ninguém.

E agora, Souza?

As pistas

Um detetive não nasce detetive. É preciso fazer cursos de especialização e aprimoramento com as "novas tecnologias". "Eu sempre quis fazer parte da Polícia, mas na época meus pais não tinham condição, acabei fazendo cursos de detetive particular por correspondência, tudo registrado".

De repente Souza tira um calhamaço de documentos empoeirados. Registro profissional. Registro junto à Associação de Detetives (no qual se vê que Souza também é Silva). Registro de detetive particular. CNPJ de sua agência. “Hoje tem muito malandro que diz que exerce a profissão, mas na verdade ele está se complicando, porque ele está fazendo uma coisa para a qual ele não teve estudo. E investigar um caso não é simplesmente sair correndo atrás de um homem e uma mulher com máquina fotográfica”.

Não mesmo. Além da máquina, Souza possui caneta com filmadora, câmera escondida no botão da camisa, máquina fotográfica acoplada a binóculos, uma série de apetrechos “que ainda está incompleta”, salienta.

Mas todo esse aparato ainda não era suficiente para provar para o homem do Caso do Motel Vazio que sua mulher o traíra. “Ele ligou para a mulher e ela estava no Centro da cidade. Ela disse que havia emprestado o carro para uma amiga. Eu tinha certeza de que era ela, mas como eu iria provar?”.

Como todo meliante de romances policiais, a moça também não se esmerou para acobertar a primeira pista. “Atrás dos apartamentos estava o carro dela. Mas até aí, o que ela havia dito procedia. Ela havia emprestado o carro...”.

Pausa para reflexão

Souza ama o que faz, inclusive se diverte. Mas é capaz de fazer algumas ressalvas sobre seu ofício. “Não é porque a gente é detetive que não tem certo remorso em saber que se o caso der certo, vai acabar desunindo o casal. Mas nosso lema é o seguinte: ‘quem não quer ser caçado, que não erre’”.

Tanto rigor hora ou outra cria certos problemas. “Tem alguns casos que mesmo depois de mostrarmos a foto e a filmagem, a mulher não larga do cara. Aos poucos, ele consegue tirar dela quem fez o serviço. Aí o cara já vem ameaçar, mas até hoje foi tudo por telefone, nada muito perigoso”.

O mais perigoso não são os maridos adúlteros, mas as pessoas anônimas que sabem que em determinado lugar vive um detetive. “Para o pessoal da marginalidade, detetive é puxa-saco da Polícia. Então se alguém cagueta eles, eles já pensam que foi a gente. Então é preciso ter cuidado, tanto que poucas pessoas sabem o que eu faço. Até para alguns amigos meus eu digo que eu sou aposentado”.

Se realmente fosse aposentado, Souza teria cumprido longos anos como pintor de parede e padeiro. “Até hoje às vezes eu e minha mulher resolvemos fazer pão”. Mulher que, a propósito, pode confiar no taco de seu esposo. Nenhum detitive seria louco, aliás, de ver sua reputação queimada após um concorrente o desmascarar por adultério.

“Tem casos em que a mulher traída fica carente e acaba pedindo um consolo pra gente, mas é preciso ter a cabeça no lugar e saber que mulher mesmo é aquela que a gente tem em casa, completamente”.

Mas a semelhança com os filmes policiais para por aí. “Até 1972 nossa profissão não era legalizada. Então muita gente pensava e pensa até hoje que detetive é aquele da telinha, aqueles dois caras de terno, que ficam parados, tomando um refrigerente, comendo uma pipoquinha, esperando o caso acontecer. Não é assim”.

Tanto não é assim que Souza já precisou até cavar um poço para provar que o homem estava traindo a mulher. Como o investigado viajava até sua fazenda em horários “alternativos”, sua esposa começou a desconfiar. A solução encontrada foi contratar uma empresa falsa de poços artesianos, no caso a agência de Souza, para que ele fizesse o serviço. Enquanto um pedreiro de verdade furava o terreno, Souza cavava pistas para comprovar o ato.

E comprovou. Completamente.

Mas o Caso do Motel Vazio permanece sem solução. Onde estaria a esposa? Por que seu carro ficou no local? É aí que surgiu uma outra pista. Rastrear os carros que saíram do estabelecimento no intervalo entre a entrada da mulher e o barraco do marido. A descoberta foi surpreendente.

Interurbano

Souza já percorreu o Estado e algumas regiões do país em busca de flagras. “Eu trabalho tanto no DDD 14 quanto no 19. Semana passada mesmo fiz um flagrante de um casal no Shopping Iguatemi em Campinas (há que se alertar para que as mulheres desconfiadas não vasculhem o lixo do carro dos maridos em busca de cartões de estacionamento do Iguatemi. A mulher traída já sabe de tudo e ela não é você).

“O lugar mais longe que eu já fui foi Curitiba, mas esses casos que acontecem a uma distância maior são mais complicados. Enquanto quem tem um caso na mesma

região com certeza vai ser pego em até vinte dias, quem tem fora demora mais para reencontrar o amante. Daí que muitos detetives engambelam os clientes".

Para não passar essa imagem, Souza deixa claro. O imbróglio terá solução, negativa ou positiva, em até vinte dias. Nesse período a dedicação é quase exclusiva e o preço será o mesmo, havendo ou não traição. Não há encargos adicionais, como no caso de ser necessário entrar em um motel ou em uma boate. Os únicos honorários à parte vão para as viagens, que eventualmente precisam ser feitas. Ao final um relatório é expedido, acompanhado nos casos positivos de fotografias e filmagens.

Um outro caso, dessa vez não mais conjugal, que demanda muitas viagens é o de desaparecimento de pessoas. Essa demanda, aliada às mães que querem saber com quem seus filhos estão andando, completam a trinca mais procurada na agência, encabeçada, evidentemente, pelas histórias de traição.

"O mais estranho foi quando me pediram para ir atrás de um cachorro. Andei a cidade inteira mas não consegui. Cachorro não fala, então o novo dono pode mentir que não tem nenhum bicho ali que você nunca vai saber a verdade".

As respostas

O Caso do Motel Vazio permanecia sem solução. E o cliente exigia um veredito imediato, para não suspeitar que os trabalhos de Souza não estavam funcionando. Eis que o detetive tem a sacada final.

"Quando o marido começou a bater no portão do Motel, o gerente com certeza ficou incomodado, aquilo poderia sujar o lado dele. Então, o que eu ele faz? Coloca a mulher e o amante na carroceria da caminhonete dele e os leva para o Centro da cidade. Em seguida ele trata de dar um fim no carro da esposa, que inventa a história de ter emprestado para a amiga. As fotos foram as únicas provas de que minha hipótese tinha sentido, porque todas tinham horário e mostravam perfeitamente o casal".

Caso resolvido?

"Completamente, meu caro Silva".

Silva Souza deixa o banco da praça à espreita de um novo caso, cuja mandante interrompera a entrevista com um telefonema. Disfarçadamente, entra no carro antigo e sem dúvida iria trocar de boné e já providenciaria outra troca de telefone, procedimento que faz com frequência.

Na segunda-feira, iria pescar nos rios Tietê e Piracicaba, na cidade de Santa Maria da Serra. Mas o detetive nunca está com a cabeça vazia. Na certa, ficou com um olho no peixe e outro no gato, esperando, no mínimo, que uma Corvina fosse fazer borbulhas de amor em um cardume alheio.

VII

Memórias de uma Cortesã

Ariadne, 40 anos.
F. 301x-xxx2

(Jornal da Cidade – 20/09/09)

Um dos quatro aparelhos de telefone celular toca e Ariadne atende com discrição. A conversa não é cifrada, mas também não é inteligível a algum curioso que, de bituca, tente ouvir a conversa alheia. O telefonema não será gravado. Ao longo da conversa, outros aparelhos tocarão por duas vezes e a representante comercial atenderá com a mesma voz pacata entoada por um pronunciado sotaque carioca.

Mas a representante comercial só atenderá o telefone se os aparelhos destinados à família ou aos amigos tocarem. Quando algum dos outros dois toca, quem atende é uma garota de programa que está no ramo há apenas dois anos e que mantém clientela fixa em Bauru, suficiente para honrar as dívidas de casa com certa sobra.

Nenhum clichê se sustenta após um minuto de conversa. A idealização cai por terra quando se tenta, a princípio, descrever e mais adiante entender uma vida feita de escolhas certas, decididas sem arrependimento e, ao mesmo tempo, sustentadas por um anonimato assustador. Ariadne é mãe e é filha, e nem sua mãe nem sua filha sabem que a representante comercial, com curso superior em faculdade pública, mantém "casa de massagens" porque quer. E não pretende mudar de vida.

Vestida de maneira recatada, conversa sobre tudo num café em Bauru. Detalhes muito específicos, entretanto, devem ser suprimidos a fim de que uma história tão particular não seja descoberta e o anonimato há tanto tempo bem guardado não seja desnudado.

Já pensou em escrever um livro, com relatos de uma profissional que conhece as vantagens e desvantagens de uma carreira milenarmente ocultada. Não pelas trabalhadoras. Mas pela clientela. O nome do livro? "Memórias de uma Cortesã". "Eu só precisava que alguém me orientasse...".

Opção número um

"Quando meus tios mudaram de cidade e levaram minha avó, o médico disse: 'vocês mataram a mãe de vocês'. Porque a pessoa quando fica mais velha se torna um vaso de porcelana. Se você tirar ele dali, ele quebra e não volta ao normal nunca mais".

Foi pela mãe de Ariadne que Bauru passou a ser a morada das duas. Um problema de saúde a trouxe para o interior de São Paulo e, após algumas andanças por várias cidades, acabaram se estabelecendo no centro do Estado. Hoje o sonho dessa mulher cheia de planos é deixar Bauru.

"Aqui o povo é mais do que conservador, é preconceituoso. As pessoas são uma panela. Depois que você coloca todos os ingredientes nela, nada mais consegue entrar. E isso não é mal do interior porque já morei em outras cidades menores e não vivi isso".

Acontece que sua mãe chegou no estágio do vaso de porcelana e não deixa a cidade nem amarrada. "É aqui que ela se sente bem, então é aqui que ela vai ficar". As duas moram juntas, reflexo de uma amizade que vem desde a infância de Ariadne. "Minha maior companheira sempre foi e ainda é a minha mãe".

A infância na Barra da Tijuca foi "divertida", "normal". "O Rio de Janeiro é o Rio de Janeiro de qualquer ângulo. Aquela cidade é linda, linda, não gosto nem de falar porque me dá vontade de chorar". E os olhos dela marejam mesmo, uma pausa é feita e os sentidos são restabelecidos.

No Rio, Ariadne fez faculdade e exerceu a função de representante comercial em uma empresa que pagava muito bem. A estabilidade começou a ruir quando ela atravessou a fronteira e não foi preciso muito tempo para que ela tomasse outra decisão.

Opção número dois

"Chegando em Bauru, fiquei um mês parada e precisava urgentemente de dinheiro por causa de alguns problemas financeiros. Nas empresas que eu procurava, com minha faculdade e minha experiência, o máximo que eu conseguia era tirar 900 reais, não mais que isso. Aí comecei a fazer amizades e a procurar o que mais a cidade precisava. Foi aí que eu descobri que Bauru é uma grande casa de prostituição".

A frase vem em tom de denúncia, de revelação. Anos atrás, quando a Chácara da Eny ainda era a maior "casa de tolerância" do interior do estado, talvez a frase fizesse sentido, mas hoje?

“Você já entrou na internet? Entre na internet e veja quantas pessoas, mulheres e homens, inclusive casados, se dispõem a fazer programa em Bauru. Isso sem contar as várias ´casas de massagem´ e o pessoal que faz ponto nas ruas”.

“Eu entrava em salas de bate papo e fazia divulgação do meu trabalho. Só que eu pequei porque eu não tinha local próprio. Ficava à mercê do cara e ainda correndo riscos. Aí eu conheci uma casa de massagem e procurei emprego lá. E comecei a trabalhar. Trabalhei em três casas e hoje eu estou em minha kitnet”.

A kitnet de Ariadne fica a léguas da casa onde vive com sua mãe. É lá que ela recebe os rapazes para uma conversa franca.

“Tem homens que num primeiro encontro desistem de fazer sexo ou querem conversar muito antes... Muitas garotas de programa dispensam ele e ainda saem falando mal, porque ‘perderam um cliente’. Eu não vejo assim. Eu faço muitos amigos lá também, pessoas que me ligam dias depois para saber se eu estou bem ou para pedir um conselho. Não sou irmã nem mãe, porque mãe a gente só tem uma, mas sou uma grande amiga”.

“Por isso eu digo, e as pessoas não acreditam, que eu não sou uma prostituta, eu sou uma acompanhante. Porque se eu não obtenho um cliente, eu ganho um amigo. E esse amigo, com o tempo, eu acabo tornando cliente. Eu cativo mais amigos, e a prostituição é uma consequência disso”.

Ariadne argumenta que os “homens de hoje” gostam de alguém que saiba conversar, que seja atualizada, e que não seja simplesmente uma companheira sexual. Para chegar a esse estágio de conduta profissional, passou por algumas crises que envolvem sua criação.

“É lógico que é um pouco traumático. Minha mãe é muito rígida, até hoje ela é bem dominadora, então eu tive uma criação regrada. Isso na minha cabeça dá alguns ‘pitis’, alguns sofrimentos, eu me pergunto ‘por que eu estou nisso?’, ‘por que eu não largo e vivo uma vida normal?’. Mas é que nem o ditado, a necessidade faz o ladrão, e o dinheiro hoje é uma necessidade”.

A garota de programa mudaria de profissão a fim de superar os pitis, desde que lhe paguem o que ela ganha por mês, o que está longe dos 900 ofertados quando chegou em Bauru. Por mês, em média, Ariadne ganha 3 mil reais e sustenta a mãe a filha, que faz faculdade fora.

Nenhuma das duas sabem.

Opção número três

Um representante comercial precisa necessariamente viajar muito e, portanto, dormir fora de casa. Foi essa profissão, já exercida anteriormente no Rio de Janeiro, que Ariadne escolheu para esconder das mulheres da sua vida o que faz. “Eu tenho que explicar o que é que eu faço, porque durmo algumas vezes fora de casa...”.

Se a mãe dela souber, ficará eternamente desiludida, “vai infartar”. Sua filha também não pode saber. Apenas os amigos mais chegados associam a representante comercial da fachada à acompanhante da kitnet. Ainda assim, poucos conhecem sua rotina e seus clientes são mantidos sob sigilo.

O sigilo, aliás, é uma das etapas de um “código de conduta” que existe na profissião, mas que dificilmente é respeitado. Assim como em qualquer ambiente de trabalho, há puxação de tapetes, de saco, delações e barganhas que vão ao extremo da imoralidade para arrematar o cliente alheio.

“Faça o seu trabalho e me deixe trabalhar. Não prejudique, não seja incoveniente. Geralmente as meninas de programa não se preocupam só com o trabalho delas, preocupam com o seu também. Outras não respeitam o parceiro, e por aí vai”.

O respeito pelo parceiro rendeu a Ariadne um romance, que perdura a duras penas até hoje. Mote de filme, ela viu seu cliente apaixonado e se apaixonou. Saem juntos, como namorados, vão ao cinema, ao teatro, ao barzinho. Ele lhe pede favores de extrema confiança, confiados apenas à esposa, mas como, no caso, ele já é casado, acaba confiando à acompanhante.

“Mas ele não quer que eu exerça mais minha profissião. Não falou em ‘me tirar dessa vida’, até porque isso eu nunca admiti, mas reclama do que eu faço. Mas ele me conheceu já no meu trabalho, então tem que aceitar do jeito que eu sou”.

Por causa do impasse, o casal vive uma crise que, de novo, debandou para a amizade. “Eu estou sofrendo, eu sofro de amor, mas eu não deixo ninguém perceber. Eu crio uma barreira porque eu gosto de muitas pessoas, mas tenho medo de que gostem de mim”.

“Então fica assim”.

Opção número quatro

“Respeitar o próximo como ele é”.

Há quem diga que em um dos ramos mais tachados da atualidade não haveria espaço para preconceitos e julgamentos de valor. Mas há. E Ariadne se esmera para provar que a individualidade é imaculada, eternamente virgem.

“Eu acho que cada um é cada um, com RG único e DNA único. Se o próximo não te agrada, deixa ele ser o que ele é, não tenta modificar. Eu curto o ser humano, gosto de interagir com as pessoas e não sou de apontar. Eu vivo e deixo viver, porque cada um acaba se enrolando na própria linha mais cedo ou mais tarde”.

O lance do RG vale ainda para quando copiam seu “nome de guerra”, já que evidentemente Ariadne não é Ariadne. “Escolhi esse nome para fazer uma homenagem a uma pessoa querida e logo que anunciei começaram a copiar. Mas não vejo problema. RG único. DNA único”. E cai na gargalhada, zombando do “código de conduta”, novamente desrespeitado.

Tantas decepções dentro e fora do ramo creditaram a Ariadne certa descrença em relação ao mundo. Não acredita em mais ninguém com mais de 30 dentes, a não ser em seu cachorro, com quem faz caminhadas matinais pela Getúlio Vargas, avenida nobre de Bauru.

“As pessoas são capazes de fazer o bem, a quem convém. Não acredito que o ser humano seja capaz de se doar para qualquer pessoa. Isso tudo pelas coisas que eu ouço na cama. Então você vai captando uma conversa, outra e outra, e vai vendo que o homem é sujo”.

Uma pessoa não foi suja. Emy Cesarino, filha de italiano com francesa, fundadora da Chácara da Eny, que a partir dos anos 40 tornou-se o principal centro de convenções *underground* da política estadual, formando legiões de garçons e garotas que hoje estão no horário nobre de muitas emissoras de tv.

Como não foi contemporânea à meretriz, leu tudo sobre ela na bibliografia segmentada e de qualidade que Bauru produziu a respeito do assunto.

“A mulher deve ser respeitada em qualquer circunstância. E a Eny fazia isso, ela impunha respeito porque educava suas garotas, exigia que elas estudassem, que soubessem se comportar, que não fossem escandalosas, a linha dela é muito diferenciada”.

A trajetória da Eny coincide com um anseio de Ariadne, que chegou a ver algo exemplar no Rio de Janeiro: a regulamentação de seu trabalho, com direitos trabalhistas, incluindo aposentadoria. “No Rio eles fizeram carteirinhas, que davam direito a INSS, a

carteira assinada, mas de repente acabou. Eu seria ativista, defenderia os direitos da minha classe, mas não há união".

O que mais desagrega? O dinheiro.

"Eu odeio o dinheiro. Embora eu corra atrás dele, eu tenho nojo".

Opção número cinco

"Aquilo que você fez foi escolha sua, nunca ninguém te obriga a fazer algo que você não queira. Por isso não me arrependo de nada".

Ariadne é convicta de suas opções, e acataria decisões semelhantes de sua filha. "Mas tudo indica que ela vai se casar, na igreja e tudo".

O plano mais recente da representante comercial é fazer um novo curso superior. A inscrição no vestibular já está feita e tão logo, talvez, Ariadne volte para os bancos de uma universidade.

Até lá, quando um dos quatro celulares tocar, alguém vai querer a companhia de uma acompanhante ou o zelo de uma mãe e filha cuidadosa e amorosa. As identidades trocadas propositalmente, a kitnet em CEP ignorado, tanta inconvergência vai resvalar qualquer dia em uma única senhora que anda imponente pela avenida Getúlio Vargas acompanhada de seu cachorro.

RG único. DNA único.

XVIII

O grande baile imaginário

Vdo./tco por carro
um estúdio compl. p/
rádio comunitária
30x1-2xxx

(Jornal da Cidade – 20/09/2009)

Esta é uma história para ser ouvida.

A primeira providência, portanto, é pedir para que alguém a leia, enquanto você, caro ouvinte, se acomoda em um sofá ou deita em sua cama. Se não for viável pedir auxílio, leia com os olhos de quem está a ouvir uma melodia doce, ou como quem lê um poema, esperando que alguém o musique.

A história de José Esmeraldi jamais será escrita. Quem ouve esse forte senhor de 72 anos e sua voz de locutor, "nem tão boa assim" – diria o modesto, não consegue escrever uma linha sem entoar uma boa canção. A vida dele foi e é uma canção, das antigas. Como não consegue pensar em alguma, fica a sugestão desse humilde quase-jornalista, que a partir de agora, vai lhes declamar a vida de um homem que nenhuma televisão procuraria.

Porque o rádio, minha querida dona-de-casa, é o rádio.

Chão de estrelas (Sílvio Caldas/ Orestes Barbosa)
Primeiro bloco

"Minha vida era um palco iluminado/ eu vivia vestido de dourado/ palhaço das perdidas ilusões".

São Paulo. Década de 30. A cidade já cheirava metrópole, mas ainda dava a opção aos moradores de andarem a pé ou de bonde. Parecia que o mundo desembocava em São Paulo, e na certa desembocava mesmo. A cidade já cheirava fumaça, mas dizem que até a fumaça era cheirosa.

José Esmeraldi nasce no Natal em São Paulo, numa família de criação tradicional, em que todos trabalhavam cedo. Sua mãe, preocupada com o garoto de doze anos que vivia na rua, sugere ao marido que empregue o pequeno.

Construtora Marabi. Um empreendimento que deixava claro que a cidade estava crescendo. O "Mar" do Marabi vem de Marcos, o nome de seu pai. O "Abi" vem de Abílio, nome do outro sócio. A Marabi crescia e logo José se viu adulto, trabalhando como telefonista da empresa do pai.

"Meu pai sempre quis que eu trabalhasse com engenharia, mas eu nunca quis. Na verdade, o rádio era minha paixão e sempre esteve na minha vida".

Pois a companhia telefônica deu uma mãozinha para José ter o primeiro emprego no rádio. Mesmo que de mentirinha. Um número separava o telefone da Marabi do da Rádio Bandeirantes. Muitas pessoas que ligavam para o "Telefone Pedindo Bis", programa de Enzo de Almeida Passos na Bandeirantes, acabavam se enganando e telefonavam para José. E ele não demorou muito a incorporar o ritmo das coisas.

"No começo eu falava que era engano, mas depois eu atendia normalmente, falava que era da rádio, anotava os pedidos e esperava tocar". E às vezes tocava, porque a última parte do programa reprisava canções que já haviam sido executadas. Não raras vezes, o ouvinte pedia "bis" de uma música que, na certa, seria repetida.

Isso tudo com doze anos, porque no ano seguinte José teve a carteira assinada e começou a trabalhar de verdade, como funcionário de escritório. O rádio ficou para bem depois. "Sempre fui muito recatado, mas aquele negocinho do rádio ficou em mim, em algum lugar. Todo radialista começa ouvindo, não tem jeito. Hoje o pessoal fala de faculdade, que eu acho importantíssimo, mas o radialista sai da universidade sem ter noções sobre quem canta qual música, qual a história do cantor... Quem ouvia rádio na minha época sabe disso tudo".

Segundo bloco

"Cheio dos guizos falsos da alegria/ andei cantando a minha fantasia/ entre as palmas febris dos corações"

Bauru. Fim da década de dez do novo milênio. A cidade cheira uma poeira encalorada e o rádio já não toca mais Chico Alves. O que separam essas longas décadas na vida do nosso Zé Esmeraldi? Com a palavra, caro ouvinte, o próprio.

"Eu me casei aos 25 anos e sempre trabalhei na parte de escritório, inclusive de empresas importantes. O problema é que naquela época tive um problema que hoje todos conhecem por Síndrome do Pânico, mas ninguém sabia o que era isso".

O jovem paulistano não suportava a agitação da cidade grande. Pegava ônibus vazios para poder saltar logo, caso acontecesse algum imprevisto. Tinha crises de afobamento e de insônia. As palmas febris dos corações estavam febris mesmo, doentes. E nenhum médico lhe recomendou o que hoje Esmeraldi acredita ser óbvio.

"Eu tomava muito café e fumava muito. E o vício é complicado, você toma um café, pede um cigarro, aí acaba o café você quer outro, e nessa você não sabe mais onde é o começo e onde é o fim".

O então auxiliar de escritório começou a ler sobre os efeitos da cafeína, e esse foi o primeiro vício a ser cortado. De vez. "Comigo não tem essa de pouquinho. Eu sou oito ou oitenta. Ou 'vou lá em cima' ou corto de vez. E com o café foi assim".

Esmeraldi é um homem de extremos. Não faz nada na média. "E isso não é bom". Aos domingos, compra dois pães italianos e come com dois litros de Coca. Não tem só um pedacinho. "Com o café e o cigarro foi assim, mas o cigarro era mais difícil. Às vezes eu dava um maço para um amigo meu e falava 'não vou fumar mais'. No fim do dia eu já estava pedindo ele de volta. Mas parei. Fumei por quinze anos e parei. A maior motivação para quem quer cortar um vício é a melhora física. Eu me curei quase que imediatamente".

No mesmo período, um amigo acabava de montar um laboratório de medicamentos e precisava de um representante comercial, na época, "propagandista". Livre do pânico, começou a trabalhar fora dos escritórios, viajando muito e aprendendo coisas sobre o corpo humano, a fim de vender os produtos do amigo.

Não demorou muito e Esmeraldi virou representante comercial de uma empresa que hoje está no Dicionário, talvez a única em língua portuguesa.

A Xerox do Brasil.

O maquinário suntuoso de uma firma que cheirava modernidade e papel sulfite passou a fazer parte da vida de Esmeraldi. "Na época a Xerox era pioneira em reprografia, porque todo mundo fazia fotocópia. A fotocópia se perdia porque era em

papel sensível, os cartórios inclusive pararam de autenticar fotocópia. Xerox em papel era da Xerox, por isso virou nome".

Durante um curto período, um cunhado convidou o propagandista a trabalhar em uma empresa de panificação que estava abrindo em Campinas. O negócio não deu muito certo, mas Esmeraldi recebeu convite para voltar para a Xerox e montar uma filial em uma cidade que ainda estava engatinhando.

Uma pequena pausa para nossos apoiadores, e após os reclames, a saga do nosso homem do rádio na Cidade Morena.

("Vou fazer uma propaganda de graça aqui. O melhor pão italiano de Bauru é o da Doce Momento. É o que mais se aproxima do pão que fazem em São Paulo, no Bexiga ou no Brás").

Terceiro Bloco

"Meu barracão era no morro do Salgueiro/ Tinha o cantar alegre de um viveiro/ Foste a sonoridade que acabou"

O Mato Grosso do Sul acabara de virar Estado e já tinha a maior empresa de reprografias do Brasil. Não é difícil imaginar o porquê. Uma nova capital exige burocracia, e burocracia, sem Xerox, não existe.

"Fui com minha esposa para Campo Grande, a cidade estava começando, aquilo sim é que era calor, não é à toa que é chamada de Cidade Morena. Viajei pelo Estado inteiro, e o calor de Corumbá é impressionante. A cidade foi feita em cima de calcário, em cima de pedra. Quem reclama de Bauru não conhece aquilo".

Esmeraldi gostava do Mato Grosso (do Sul). Pegou o trem da morte, que ligava Bauru à Bolívia, conheceu a Base Naval de Ladário, na beirada do Pantanal e do país vizinho. Acontece que a Ana, sua simpática esposa, não se acostumou com a cidade.

"Ela não gostava muito de lá, então comecei a ver algumas coisas para voltar para São Paulo. Aí a Xerox me mandou para a filial de Bauru, também como representante comercial, e eu vim".

Na época, Esmeraldi recebeu também convite para abrir a firma em Palmas. Mas para quem tinha 50 anos, ter inaugurado uma capital já estava de bom tamanho. Bauru foi o destino final.

Mas... E o rádio? “O rádio nunca morreu. Sempre fiquei com aquilo na cabeça, ouvindo minhas músicas e pensando em trabalhar na área. Gostava de música, de esportes, do jornalismo, me encantava por tudo”. Mas a empresa ainda existia, e Esmeraldi tinha que responder por um segmento em franca expansão. “O negócio era tão bom que a empresa não vendia máquinas, ela alugava”.

Bauru, 1988. José Esmeraldi se aposenta aos 51 anos, por tempo de serviço. Era a oportunidade de começar a trabalhar no rádio, mas como? Uma cidade inóspita, sem conhecidos, para um segmento para o qual se exigia certas indicações. Como fazer?

Quarto bloco

“E hoje, quando o sol, a claridade/ forra o meu barracão, sinto saudade/ da mulher, pomba-rola que voou”.

Aposentado aos 51. Esmeraldi não saiu de sintonia, muito pelo contrário. Mudou de estação e foi fazer o que sempre quis.

“Meu filho trabalhava em Guarulhos e ouviu falar que o Senac de lá oferecia cursos para radialista, e me sugeriu para procurar se aqui não tinha. E tinha. Era esse curso que nos concedia o DRT, registro de trabalho para atuar na área. Fiz o curso e comecei a desenvolver projetos para as rádios de Bauru”.

Os projetos não eram audaciosos e nem iam para as principais rádios (ele é um homem tão modesto que, na época da Xerox, parava o “carrão” da firma longe dos locais onde iria para não ostentar o veículo). Levou o projeto logo na rádio de menor audiência, AM, evidentemente.

“A AM deixa você fazer várias coisas, como contar as histórias das músicas e dos cantores. Eu não punha só as canções, eu as embrulhava para presente para ou ouvintes. Acabei colecionando um acervo de músicas não comerciais e aí colocava, por exemplo, a última apresentação do Chico Alves. Em seguida eu contava que ele saiu de lá com seu Buick e morreu em um acidente na Via Dutra...”.

Pois a Rádio Universal AM, de Agudos, com estúdio em Bauru, aceitou a proposta de Esmeraldi de fazer o programa entitulado “Gera Som Saudade”. Puro *hobbie*, já que a emissora não podia pagar nada ao radialista. Em seguida foi criada a Pajé, Produções Artísticas José Esmeraldi, com todo o acervo colecionado ao longo de

anos. A Pajé, que na verdade era apenas o Zé, foi contratada pela Rádio Bandeirantes para transmitir a versão de Bauru do já conhecido "Arquivo Musical".

"Eles me chamaram em 1990 e avisaram que eu faria o programa. Acontece que era ano de Copa do Mundo, a rádio iria entrar em cadeia com São Paulo, e só depois eu poderia começar. Dito e feito. Acabou a Copa, começou o 'Arquivo Musical'".

O programa seguia a linha das canções de ouro do rádio, sempre permeadas por participação do público. "O ouvinte vira da sua família. Muitos deles eu nem conhecia, mas me ligavam uma vez por semana e falavam sobre a vida, sobre a mãe que havia caído não sei onde, eram como se fossem irmãos seus que você só revê uma vez por semana".

Mas o principal atributo do rádio, a magia da imaginação, ainda não estava sacramentada. Nosso radialista precisava de algo a mais para concretizar seu sonho. Mas para isso ele precisava de um sócio.

Conseguiu 400.

Estava fundado o Clube do Gramophone, primeiro e talvez único clube radiofônico de Bauru.

Quinto bloco

"Nossas roupas comuns dependuradas/ na corda, qual bandeiras agitadas/ pareciam estranho festival!".

José Esmeraldi criou na Rádio Auri-Verde de Bauru um clube fictício de verdade. Não existia sede, mas havia carteirinhas. Os associados eram identificados e ligavam para o Clube do Gramophone todos os sábados pedindo canções das décadas de 20, 30 e 40. A primeira e única restrição do clube, inclusive, era a proibição de menores de 40.

"Eu tinha o clube, tinha os associados, mas faltava uma coisa, um lado social. Por isso criei o 'Grande Baile Imaginário', que era uma festa que ocorria via rádio todo último sábado de cada mês. O Clube do Gramophone começava às seis da tarde e ia até a meia noite, mas uma vez por mês eu abria para o baile, que tinha início às dez da noite".

E era um baile mesmo. Com a lista de sócios em mãos, Esmeraldi era o cicerone. Recebia todos, sabia quem era casado, quem tinha filhos. Descrevia a roupa das

mulheres e os acessórios dos homens. “Geralmente eu punha os convidados de Rolex, para fazer uma graça”. Era a vez do sonoplasta entrar em cena.

“Ele colocava sons de pratos e talheres batendo, de passos, de tudo o que tem num baile de verdade. Enquanto isso eu falava: ‘chegando aqui Fulano de Tal, muito elegante, com sua esposa igualmente bonita, vão se sentar do lado esquerdo’, e por aí vai...”.

Se o “Fulano de Tal” ligasse na rádio no horário do Baile, falava com o anfitrião como se estivesse entrando no salão, que também era igualmente descrito com “dois enormes pilares, portas de madeira de lei, mesas e cadeiras forradas...”.

Formado o salão, era a vez do conjunto entrar. Os convidados? As maiores orquestras de todos os tempos. “Apenas música instrumental, Ray Coniff, Orquestra Tabajara, Glenn Miller, Henri Jeromi...”. Durante o baile, Esmeraldi apontava para os garçons imaginários, Ubaldo e Fluviano, cada um servindo um lado da festa.

Ao final, por volta da meia noite, todos desligavam seus rádios e voltavam para a grande noite de verdade.

Quase todos.

Certa vez, o expediente estava terminando na Rádio Auri-Verde quando um senhorzinho de terno branco, gravata borboleta e muito estilo adentrou nos estúdios. Esmeraldi já se despedia dos sócios quando o técnico de som o avisou que o senhor queria lhe falar. Carinhosamente, perguntou onde era o baile. Ele estava em um bar na cidade, ouviu o som do conjunto e tamanha animação e quis comparecer. Esmeraldi explicou o mal entendido, mas talvez nem precisasse.

“Sabe o que é bom no rádio? O bom é que a gente sonha...”.

Sexto bloco

“Festa dos nossos trapos coloridos/ a mostrar que nos morros mal vestidos/ é sempre feriado nacional”.

O Clube andava a todo vapor enquanto Esmeraldi se empenhava em outros projetos. Aos sábados à tarde, conduzia o Estação Saudade, na Rádio Unesp FM. Conduzia. “O locutor tem capacidade de conduzir o ouvinte para qualquer caminho”. Na Estação Saudade, música de primeira com grande espaço para participações. Quando o programa acabou em 2004, por divergências pessoais das quais Esmeraldi fez questão

de sair como responsável, “pedindo para sair”, choveram cartas na emissora e no Jornal da Cidade.

Na Auri-Verde, apresentava também o “Samba e Bola”, esportivo que misturava as notícias do Noroeste e do Bauru Basquete (na época Tilibra) com o samba de raiz, de Cartola, Noite Ilustrada e Ataulfo Alves. Na época, Esmeraldi encabeçou uma campanha que revolucionou o Norusca, mas, ao mesmo tempo, fechou suas portas na rádio: revitalizar o hino do time.

O hino do Noroeste era cantado por um coral infantil. O ar lúdico da música destoava da imponência exigida nas letras e melodias dos times. “Nada contra as crianças, mas a música precisava ser forte, assim como as que o Lamartine Babo escreveu para o Rio e as de Lupicínio Rodrigues para o Rio Grande do Sul. Chamei uma orquestra, melhoramos a melodia, a banda da Polícia ajudou e um coral de tenores, no qual estava inclusive um dos garotos que cantou o hino enquanto criança, entoou a música”.

Para finalizar, o som de uma locomotiva. Todos aprovaram a ideia, inclusive o próprio clube. A rádio, entretanto, não gostou. “Não quero falar mal, mas acho que houve um certo ranço em não admitir a nova letra. Eles nunca tocaram o hino novo, até hoje são as crianças”.

Depois disso, a emissora começou a ocupar o espaço de Esmeraldi para transmissões do Bauru Basquete e do Campeonato Amador sem comunicá-lo. “Se eles me avisassem, tudo bem, mas eu produzia o programa a semana inteira, chegava lá e não entrava no ar. Até que um dia eu pedi as contas”.

Contas que na verdade não existiam. Esmeraldi recebia porcentagem de publicidade que ele conseguia, não havia salário da empresa.

Foi o fim do Clube do Gramophone, do Samba e Bola e do Grande Baile Imaginário.

As portas do salão se fecharam.

Último bloco

“A porta do barraco era sem trinco/ mas a lua, furando nosso zinco/ salpicava de estrelas nosso chão”.

Como o acervo de Esmeraldi ficava na sua casa (centenas de lps e cds), o radialista uniu as duas pontas de seu plano. Construiu um estúdio para rádio comunitária. Seria a Rádio Galena, uma referência ao mineral de propriedades semicondutoras capaz de emitir sinais de rádio de forma rudimentar. Aprendeu tudo sobre a legislação de concessões. “Muitas rádios são criminosas, porque a obrigação é dispor 60% de programação local, o que não acontece com algumas emissoras de Bauru”.

Neste momento, aguarda decisão da Anatel. A aparelhagem está toda montada, pronta para ir ao ar.

Mas com Esmeraldi é oito ou oitenta. Se a concessão não sair, o estúdio será trocado por um carro ou vendido. “Comigo é assim, se for para me desfazer me desfaço de tudo”.

Mas os próximos capítulos da história desse radialista certamente não vão terminar fora do ar. O homem é tão apaixonado por rádio que mantém um blog no qual apresenta diariamente pela internet a Rádio Galena FM (“FM não é de Frequência Modulada, mas de Frequência Memória”). Tem ouvintes no mundo todo, esperando que, em algum momento, o paulistano que abriu um clube imaginário em Bauru reabra as portas do salão.

Até lá, meu caro ouvinte, ficam os versos de Sílvio Caldas, alimentando a alma e os corações de quem não abre mão do chiado melódico de uma boa e apaixonante emissora de rádio.

“Tu pisavas os astros, distraída,/ sem saber que a ventura dessa vida/ é a cabrocha, o luar e o violão”.

IX

A semente do Ipê (e outras estórias)

Vídeocurrículo, gra-
Vamos você falando
de sua exp. e objeti-
vos, 3 a 5 minutos,
$50, F: 30xx-x34x

(Jornal da Cidade – 20/09/2009)

Rita não se chama Rita. Aliás, Rita não se chama nada. Rita é uma personagem criada a pedido do entrevistado, para transfigurar-se em sua história.
E a história nunca é história. A história é uma estória que dizem ser verídica, a partir de pontos de vista que nem Deus sabe por que cargas d´água estão assim estabelecidos, e nem porque são críveis.

Rita não quer contar sua história. Quer ser contada em uma estória, entrelaçada por fatos reais e fatos irreais das novelas que o verdadeiro entrevistado escreve com frequência.

Na sua lida para permanecer no anonimato, por motivos pessoais e profissionais, passa metade do tempo provando que sua história poderia ser a estória da Rita, do José, a minha.

Permite ser desenhado. Jamais fotografado. A vida do entrevistado continuará uma incógnita, mas seu perfil precisa ser, por obrigação, universal.
Sem dúvida, Rita somos todos nós.

Rita não é sábia

"A cultura é a antessala da sabedoria. Só somos sábios quando não nos deixamos ser afetados pelas pessoas que nos rodeiam". Rita ainda não é sábia porque diz chorar com algumas novelas e se sensibilizar com a condição em que vivem algumas pessoas. Rita atua numa Ong na cidade de Bauru, que poderia ser, na verdade, qualquer lugar.

Mas ela é bastante culta, estando, portanto, na antessala da sabedoria. Elucida teorias sobre a convivência humana, numa curiosa dualidade biologia-tecnologia. "Nós somos inteligentes quando temos capacidade de organizar dados". "Essa capacidade pode se refletir no aprendizado de línguas, por exemplo. Algumas pessoas têm mais

capacidade de conhecer outras línguas porque alguns trechos do DNA dela assim determinam".

Mesmo havendo pessoas com essa tendência genética, estaríamos todos em um mesmo patamar racional. O que muda são os "níveis morais" em que cada um de nós nos encontramos. "Eu sou igual a você. Só nos diferimos pelas coisas em que acreditamos, na nossa conduta".

O caráter de Rita é uma mucosa, tal qual a do nosso nariz. Ele absorve o que há no exterior, mas só se permite alterar mediante algum ferimento, alguma ruptura. Fora disso, o caráter dela é imutável.

A moça não é sábia mas quer dar lições.

"Se todos soubessem que a ptialina é uma enzima presente na boca e que é só nela que sentimos sabor, mastigaríamos umas 60 vezes".

"Política é a arte de juntar os diferentes".

"Comunicar é tornar as coisas comuns".

"Nada pertence a ninguem".

"Existe uma quarta dimensão. Nela, tudo seria, se não fosse".

"Tudo no Universo é esférico".

Rita é professora

Certa vez, pediu para um professor de física desenhar uma gota de chuva na lousa. O mestre debochou da desafiante, que nem tinha graduação. Quando foi para o quadro negro, desenhou a clássica gota, uma mancha gorda no final e que vai se afunilando para cima. "Mas a gota, assim como tudo no Universo, é esférica".

"Sabe como se faz chumbinho de espingarda? Eles pegam um tonel cheio de chumbo e derrubam num poço onde no fim há água gelada. O chumbo, nessa queda, assume sua forma esférica".

Essa prova Rita fez quando monitorou laboratórios há duas décadas. Sem formação, ensinou professores a ensinar a mexer com microscópios e aparelhagem de TV. Seguiu no ramo por muitos anos, acreditando que todas as pessoas são iguais, sendo diferentes apenas pelos tais "níveis morais".

Antes disso, trabalhou no Rio Madeira, desenvolvendo e distribuindo soros antiofídicos e anticrotálicos. "O sotaque de que eu mais gosto é o de Corumbá. Naquela região, perto da divisa com a Bolívia, o português é arrastado, mas nem tanto".

Mas Rita não nasceu em Corumbá, bem como se limita a dizer que nasceu "aqui perto", com referência a alguma cidade próxima de Bauru, a despeito do sotaque carioca, aquele de carioca filósofo, aquele que teoriza sobre televisão.

TV que, aliás, movimenta a vida dessa profissional, que hoje possui uma pequena produtora no andar de cima de um sobrado simples e acalorado pelo trânsito fluente da região. Já foi radialista, mas sua grande paixão é o vídeo, pelo qual acredita que os profissionais da comunicação devem ser capazes de "tornar as coisas comuns".

É naquela sala três por três que ela escuta os anseios pessoais e profissionais de uma legião de desempregados que converteram para a era digital até sua lida por emprego. O *curriculum vitae* virou vídeocurrículo, uma versão modernosa do documento empregatício. Na banqueta cinza, de frente para uma câmera semi-profissional, o candidato responde a pergunta mais crucial que pode ser feita a alguém, porém a que demanda maior raciocínio e que resulta em maior perturbação: Quem é você?

Rita não é Gabriela

"Meu nome é Gabriela, tenho 22 anos, estou em busca de um emprego de secretária". (corta). "Estudei até o ensino fundamental, época em que eu era uma ótima aluna" (corta). "Já trabalhei de babá e de cuidadora de idosos, não tenho preguiça, pois faço tudo com muita dedicação". (corta). "Sou comunicativa e honesta". (corta). Se quiser minhas referências, as pessoas abaixo já me deram oportunidade e sabem como é meu trabalho". (entra pequeno quadro com nome e telefone de três pessoas. Fim do vídeo. Tempo total: 2´30´´).

O currículo de Gabriela tem três destinos. Os repositórios de vídeos na internet, como o YouTube; um *site* que está sendo produzido por Rita e na qual as empresas contratantes e os candidatos se cadastrarão; por fim, a própria Gabriela, que poderá dar o rumo que bem entender ao material.

"Por trás das câmeras, fico orientando a pessoa sobre o que ela tem que falar, a partir desses papéis (um bloco de folhas com as perguntas: 'Quem sou eu?', 'quais são os meus planos?'...). Depois a pessoa vê se ficou bom, a gente corta algumas coisas, refaz outras...".

O que mais angustia Rita nos anseios das pessoas? Ninguém sabe ao certo o que quer. As pessoas estão perdidas em algum lugar do qual se elas saíssem, estariam todas

no mesmo nível moral. Seria um mundo equilibrado, ponderado e racional. Seria, se não fosse.

Pablo e Diana

Pablo é um rapaz de 22 anos e que chama a atenção das mulheres com quem começou a trabalhar. Diana é uma moça de 38 anos que acaba de se encantar pelo novo estagiário. Parece a condição perfeita para um romance água com açúcar, de fazer Poliana soluçar de inveja. Mas não é. É mais uma novela de Rita, roteirizada no livro "Contos quase reais", e que, no decorrer das páginas, se mostra um tórrido conflito-sexual-século-vinte-e-um, de deixar Nabukov ressabiado e Poliana... Deixemos a Poliana de lado...

Na primeira conversa entre patroa e empregado, Diana deixa escapar seu interesse pelo rapaz. Vai dando pistas de que quer, de alguma forma, permanente ou apenas para uma noite, se envolver com ele. Até que Pablo, após uns copos de cerveja, assume ser gay.

A trama se desenrola calcada nas tentativas de Diana "converter" o jovem, descrevendo, minuciosa e desbocadamente, todos os atributos femininos pelos quais o homem jamais deveria se interessar por outro homem.

Os argumentos vão ficando cada vez mais diretos e consistentes, ao passo que Pablo permanece irredutível em sua homossexualidade.

Fosse uma novela das seis, Diana talvez conseguisse seu intento. Por se tratar de uma minissérie dessas pesadas, um final desses só se concretizaria após mais insinuações, explícitas, levando a um final que seria feliz desse ponto de vista. Seria, se não fosse.

Rita não reconhece as pessoas

"Sou um péssimo fisionomista, o que faz todas as pessoas com quem convivo e já convivi me julgarem metido. De tanto falarem, até fiquei um pouco, o que me faz ser um pouco odiado por algumas pessoas e adorado por outras".

Esse assunto é recorrente. A relação com as outras pessoas. Diz ser um pouco metido, mas definitivamente não parece (talvez porque o entrevistador ainda não tenha testado os dotes de fisionomia de Rita ao cruzar com ela na rua). Por estarmos todos

afastados da sabedoria, ainda dependemos muito uns dos outros e somos ingratos com essa dependência. É assim que ela pensa e é esse o discurso dominante.

Trabalhou com muitas pessoas, desenvolveu projetos burocráticos nas áreas de biologia (sua paixão), comunicação (seu ofício) e urbanismo (sua filosofia). Disserta sobre o crescimento das cidades, a falência da ferrovia, tudo aquilo que seria se não fosse uma cidade que não anda mais.

Coordenou um time de futebol, produziu jornais para a Escola de Samba Mocidade Independente (de Bauru), trabalhou na Tv Cultura em São Paulo e em emissoras locais. Desenvolveu projetos na área de microscopia e às vezes se detém a encontrar concursos de produção televisiva para os quais envia seus roteiros de novela.

O Sinal Verde

O drama se passa em uma grande cidade. Cinco crianças e a mãe são obrigadas a esmolar para conseguir sobreviver embaixo de um viaduto. Durante um tiroteio, a mãe leva uma bala perdida no peito, onde ninava a filha mais nova. A bebê saiu ilesa mas a mãe não resistiu.

Em um orfanato, cada irmão é adotado em momentos diferentes e levado para famílias desconhecidas. Apenas o mais velho, Edilberto, não vai para uma nova casa e consegue crescer e cursar uma faculdade com suas próprias pernas.

A saga de Edilberto é encontrar os irmãos, um a um, principalmente a mais nova, da qual o paradeiro ninguém se lembra por ter sido adotada enquanto todos eram muito novos. No acaso eles vão se reencontrando, revelando suas vidas e como as criações diferentes não os alteraram tanto.

No fundo, tinham o mesmo “nível moral”.

Rita não quer se expor

O desafio é grande. “Você não vai poder gravar”. Claro que tal pedido só é feito depois de uma longa explicação das razões dele, um homem de negócios que não quer se expor por várias razões também impublicáveis a pedido. “Também não vai poder anotar. Você tem uma boa memória? Quando chegar em casa, escreva quatro palavras que eu disse. Só quatro. Se você tiver boa memória, o caminho que o levou até essas palavras vai se desvendar”.

O foco acaba sendo o máximo de detalhes de sua fisionomia, de suas frases fortes, consistentes, do manejo assertivo das mãos, da tela do computador com um programa de edição aberto, da placa de "não fume", dos panos cinzas outrora utilizados por Gabriela para dizer quem ela era.

Rita não recorre a Deus. "Eu não preciso de Deus porque Deus me deu tudo de que eu preciso". Recorre a uma "quarta dimensão", responsável pelas coisas terrenas, pelas relações humanas, norteadora de tanta ciência na qual ele se detém desde que aprendeu a ler.

Talvez tenha sido essa quarta dimensão a responsável pelas lembranças terem vindo à tona sem gravações. Porque apesar do pensamento e trabalho incomuns, a vida de Rita realmente caberia na de qualquer personagem.

Ela, ele, Pablo, Diana e Gabriela têm sonhos e angústias. Sabem que existe em alguma novela o enredo ideal que irá desvendar todos os níveis morais antagônicos e nos revelar seres iguais, não despersonalizados, evidentemente, mas íntegros. Nos separamos pelas mais belas diferenças para nos unirmos, simbioticamente, na mais sólida unidade humana.

Seria uma tese interessante, a ser desenvolvida por Rita se ela quisesse externalizar mais alguma coisa que não suas novelas.

Seria, se não fosse.

A Semente do Ipê

Tom Gato era um cara mau, chefe da Boca, frio. Num tiroteio no qual entrou apenas para salvar o filho que estava na rua, levou um tiro, morreu e foi prestar contas na quarta dimensão.

Chegando lá, teve uma chance de se regenerar por demonstrar afeto por seu filho durante a emboscada. Ele iria reencarnar em uma "semente de bignoniácia", para que desse valor à dificuldade que as pessoas têm para germinar suas vidas.

No solo, descobre que a bignoniácia é um Ipê. A semente alada cai da árvore e se debate no asfalto até que um vento a arraste para o canteiro. Lá, germina em condições climáticas desfavoráveis, levando chutes de pedestres e até urina de alguém que se satisfez na árvore.

Quando a muda dava sinais de aparente estabilidade, aprende todos os nomes possíveis da Botânica e a utilidade de cada elemento. Pois sua raiz é estirpada por um jardineiro, que o coloca em uma sacola plástica e o deixa alguns dias sem água.

Temendo a morte, o Ipê percebe as reações naturais que a planta adquire para sobreviver um pouco mais. Tempos depois, é replantado em uma casa. Floresce flores roxas que chamam a atenção de quem passa e que fazem uma senhora pensar abismada: “Mas não eram brancas?”.

Um telespectador desavisado talvez não gostasse da personificação de uma árvore servindo de trama para uma novela. Mas, segundo Rita, entenderia que se até um Ipê pode ter biografia, por que nós e nossos apegos, um dia, não poderíamos ter?

Alguém está disposto a alugar o seu?